



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CCHE- CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI- POETA PINTO DO MONTEIRO

ALINE VITÓRIA DA ROCHA MACENA

DEZENRAIZAMENTO E CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS NA OBRA
QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

MONTEIRO - 2023

ALINE VITÓRIA DA ROCHA MACENA

**DESENRAIZAMENTO E CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS NA OBRA
QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras – Português

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Me. Felipe Nildo Oliveira de Lima

MONTEIRO - 2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M141d Macena, Aline Vitoria da Rocha.
Desenraizamento e construção das personagens na obra
Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende [manuscrito] / Aline
Vitoria da Rocha Macena. - 2023.
51 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Felipe Nildo Oliveira de Lima,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Construção de personagens . 2. Migrantes nordestinos.
3. Desconstrução de preconceitos . 4. Quarenta Dias -
romance. 5. Mulheres - Autoria feminina . I. Título

21. ed. CDD 869.899 2

ALINE VITÓRIA DA ROCHA MACENA

**DESENRAIZAMENTO E CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS NA
OBRA *QUARENTA DIAS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras - Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 27/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Felippe Nildo Oliveira de Lima

Prof. Me. Felipe Nildo Oliveira de Lima (Orientador)
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Natália Ebeling

Prof. Me. Natália Ebeling
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Kalina Naro Guimarães

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“A todas as mulheres que foram silenciadas, aquelas que lutaram para serem ouvidas, e as que gritam a plenos pulmões.”

RESUMO

O presente trabalho tem como título Desenraizamento e construção das personagens na obra Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende. Tem como objetivo geral analisar a importância da autoria feminina na obra em questão, explorando a representação da personagem principal Alice e a desconstrução de preconceitos enfrentados por migrantes nordestinos. A metodologia utilizada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica com levantamento de dados teóricos relacionados aos principais temas de interesse da pesquisa. A leitura do romance de Maria Valéria Rezende propicia a reflexão de que a autora busca transmitir a realidade social de cada personagem, proporcionando uma visão sobre a realidade do outro e os espaços conquistados pela figura feminina representada por Alice.

Palavras-Chave: Desenraizamento. Construção de Personagem. Nordeste. Autoria Feminina.

ABSTRACT

The present work is entitled Uprooting and construction of the characters in the work Quarenta Dias, by Maria Valéria Rezende. Its general objective is to analyze the importance of female authorship in the work in question, exploring the representation of the main character Alice and the deconstruction of prejudices faced by northeastern migrants. The methodology used is based on a bibliographical research with a survey of theoretical data related to the main topics of interest in the research. Reading Maria Valéria Rezende's novel provides the reflection that the author seeks to convey the social reality of each character, providing an insight into the reality of the other and the spaces conquered by the female figure represented by Alice.

Keywords: Uprooting. Character Building. North East. Female authorship

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. OBJETIVOS.....	06
2.1 OBJETIVO GERAL	06
2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	06
3. JUSTIFICATIVA.....	07
4. METODOLOGIA	08
5. CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM E ESPAÇO EM QUE SE ESTÁ INSERIDA.....	09
5.1 REPRESENTAÇÃO FEMININA (ESCRITA-PERSONAGEM.....	09
5.2 MULHERES: ESCRITORAS E PERSONAGENS.....	11
5.3 CONHECENDO UM POUCO A AUTORA MARIA VALÉRIA REZENDE	12
5.4 CONHECENDO A OBRA QUARENTA DIAS	14
5.5 MAS QUEM SERIA ALICE?	14
5.6 O NORDESTINO E SUA CONDIÇÃO NO SUL DO BRASIL.....	19
5.7CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS.....	20
6 CAMINHANDO ENTRE TERRITÓRIOS.....	26
6.1 POR ENTRE TERRITÓRIOS: A QUESTÃO DO DESENRAIZAMENTO	26
6.2 O NORDESTINO E O PRECONCEITO ENCONTRADO NO SUL.....	33
6.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	35
7 A ESCRITA DO DIÁRIO EM QUARENTA DIAS.....	37
7.1 BARBIE E UM MUNDO (IM)PERFEITO	37
7.2 O APELO À ESCRITA EM QUARENTA DIAS	40
7.3 OS SENTIDOS DA LITERATURA E DA ESCRITA EM QUARENTA DIAS	42
8 CONCLUSÃO	43
9 REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que é sobretudo no século XX que as autoras passam a ganhar um maior espaço dentro do mundo literário. Anteriormente, no século XIX, já existiam autoras que escreviam, entretanto, naquele tempo, sua visibilidade era quase nula, já que as mulheres que se dedicavam à literatura enfrentavam diversas dificuldades para conseguirem escrever e publicar, estando muitas vezes limitadas a situações e padrões sociais que definiam os modos como uma “dama” deveria se portar perante a sociedade e a família.

Nesse contexto de opressão de gênero que marca a inserção feminina na literatura ocidental, foi atribuído à figura da mulher o espaço privado, enquanto a figura masculina podia fazer parte dos espaços públicos, o que enaltecia uma cultura totalmente machista. Michelle Perrot, historiadora e professora emérita da Universidade de Paris VII, menciona que:

O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar, quase predeterminados. Até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. ‘Ao homem a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos,’ declara um delegado operário da exposição mundial de 1867. (PERROT, 1992, 178).

Esses espaços que antes eram restritos, em sua maioria, apenas para homens brancos e de classe média, sofrem alterações, cedendo sua circulação também para aqueles e aquelas que tinham seus direitos restringidos. Dalcastagnè, discutindo a questão da segregação racial na literatura moderna, enfatiza a importância de discutir o lugar da fala nos textos:

Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem. (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 20).

No século XXI, observamos uma notável mudança no caráter machista que historicamente permeou nossa sociedade. À medida que o tempo avança, um novo horizonte se abre, no qual os estereótipos de gênero estão sendo desafiados e desconstruídos. Mulheres têm assumido posições de liderança em diversos setores, quebrando barreiras e inspirando outras a seguirem seus passos. A busca por igualdade de gênero tem sido pauta frequente de discussões e movimentos sociais, levando a uma maior conscientização sobre a importância de se combater o machismo e suas manifestações nocivas.

Ao passo que mais pessoas se engajam nessa luta, os valores de respeito, equidade e empoderamento são promovidos, permitindo uma transformação positiva na forma como homens e mulheres interagem e se relacionam. Essa mudança de mentalidade, ainda em progresso, é um indicativo claro de que o caráter machista está sendo desafiado e superado em nosso tempo, permitindo que a igualdade de gênero floresça e nos conduza a um futuro mais justo e inclusivo.

Ao longo dos anos, houve uma notável evolução na participação e na representação das autoras femininas e das personagens mulheres na literatura. Na literatura brasileira, essa mudança começou a ganhar força principalmente no século XX, com escritoras pioneiras que desafiaram os estereótipos de gênero e fizeram parte da resistência das mulheres no universo das letras ainda predominantemente masculino existente na época. Autoras como Clarice Lispector, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles, entre outras, abriram caminho para que outras mulheres pudessem seguir seus passos e contribuir de forma significativa com a produção de obras da literatura brasileira.

No entanto, é importante reconhecer que as autoras enfrentaram e ainda enfrentam desafios e resistência em sua atuação no campo literário. Historicamente, a literatura foi dominada por vozes masculinas, e a presença feminina foi muitas vezes marginalizada ou ignorada. As autoras precisaram lutar contra estereótipos que as limitavam a determinados gêneros literários, sendo frequentemente associadas a temas considerados “femininos”, estando restritas a nichos bastante específicos. Além disso, as obras femininas muitas vezes foram menos valorizadas e menos visíveis em relação às dos escritores masculinos, no quesito da veiculação por grandes editoras, por exemplo.

Desse modo, à medida que a sociedade progrediu e os movimentos feministas ganharam força, a participação das autoras na literatura se fortaleceu. A partir do século XXI, podemos observar um aumento significativo na presença e no reconhecimento das escritoras brasileiras. Elas têm abordado uma ampla gama de temas, explorando questões relacionadas à identidade de gênero, à desigualdade social, às relações interpessoais e a muitos outros assuntos de relevância universal e não necessariamente vinculados ao que costumeiramente se delimita como sendo um “assunto de mulher”. Suas vozes se tornaram mais audíveis, abrindo espaço para uma literatura cada vez mais diversa e enriquecedora.

Essa mudança tem um impacto profundo na presença feminina na literatura brasileira. A crescente atuação das autoras rompe com as barreiras impostas pela visão patriarcal e

contribui para uma representação mais equilibrada das experiências femininas na sociedade, agora vistas e elaboradas de maneira plural e inclusiva. As escritoras, cada qual a seu modo, trazem perspectivas únicas e narrativas e poéticas envolventes, quebrando tabus e desafiando preconceitos. Além disso, sua influência inspira e encoraja outras mulheres a se expressarem e a acreditarem em seu potencial criativo, aumentando a diversidade e o dinamismo na cena literária do país.

A presença das autoras na literatura brasileira é fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, na qual as vozes femininas sejam valorizadas e respeitadas. Através de suas obras, as autoras reafirmam a importância de suas experiências, contribuindo para a ampliação de horizontes, o fomento ao diálogo e a transformação de conceitos arraigados. A atuação das autoras na literatura é um lembrete poderoso de que a escrita não tem gênero e que todos os pontos de vista merecem ser ouvidos e celebrados.

É nesse contexto que a autora Maria Valéria Rezende busca de alguma forma desmistificar quaisquer tipos de preconceitos, dando foco também ao preconceito relacionado ao dialeto nordestino, ao qual faz parte de um dos parâmetros do que denominamos de xenofobia, fazendo uso de suas personagens para relatar algumas situações que são recorrentes nos dias atuais. Em *Quarenta Dias*, romanceselecionado como objeto de estudo desta pesquisa, então, é através de Alice, uma personagem mulher, já idosa e nordestina, que a autora desenvolve em seu livro algumas problemáticas, dando voz à personagem, para que ela mesma possa contar o que lhe acontece durante seus 40 dias nas ruas de Porto Alegre, vivenciando situações de marginalização. Vale salientar que o êxodo dos 40 dias retoma uma temática bastante cara às bases de nossa literatura ocidental, mantendo, inclusive, relações intertextuais com algumas passagens das narrativas bíblicas que, recorrentemente, trazem esse quantitativo de dias em suas histórias de provação emigração judaica pelo deserto, por exemplo.

Ao longo da narrativa, e em seu êxodo particular, Alice nos conta situações de pessoas que estão à margem, o que deixa a obra ainda mais rica e interessante. É comum que em muitas obras literárias que abordam determinados grupos ou situações específicas, os personagens marginalizados sejam retratados de forma distante, como se fossem observados de fora. No entanto, a escritora Maria Valéria Rezende rompe com essa abordagem ao colocar sua personagem como protagonista central, dando voz a ela e contando sua história sob uma perspectiva interna, em primeira pessoa, ou seja, mostrando os acontecimentos do ponto de vista da própria personagem. Isso vai além da visão superficial e externa, permitindo uma

imersão mais profunda na experiência vivida por essa personagem. Dessa forma, a autora desafia o pressuposto de que apenas o ponto de vista externo é válido e dá voz e protagonismo aos personagens marginalizados, permitindo que suas histórias sejam contadas de maneira mais autêntica e impactante.

Portanto, este trabalho, partindo de uma discussão preliminar da importância da autoria feminina, dá foco à obra *Quarenta Dias*, da autora contemporânea Maria Valéria Rezende, buscando analisar a importância da construção e da representação envolvidas na elaboração da personagem Alice feita pela autora no romance, e também a desmistificação de preconceitos no decorrer da obra, tendo em mente as dificuldades encontradas pelas mulheres e por pessoas nordestinas e emigrantes no Brasil ao longo do tempo.

Como apoio teórico para nossa pesquisa, usaremos Alexiadou (2001), Alkimin(2001), Almeida (1999), Barona (2007), Bonnine (2011), Compognon (1999),Mandela (1994), Wiel (2001), Schneider (2000), Fonseca (2002), dentre outras vozes que surgirão ao longo de nossa escrita, que abordam temáticas diversas caras à esta pesquisa, como a escrita feminina, o seu espaço na sociedade e a sua importância na busca por igualdade entre os gêneros.

No decorrer deste trabalho, buscamos destacar que a obra “*Quarenta Dias*” não se limita apenas à questão de gênero, mas também traz à tona outras problemáticas sociais, como a violência urbana, a desigualdade social, a xenofobia e o preconceito linguístico. Através da trajetória de Alice, a autora Maria Valéria Rezende nos faz refletir sobre a condição humana e a luta pela sobrevivência em uma sociedade injusta e desigual. Outro ponto relevante a ser discutido é a questão da linguagem utilizada pela autora, que é marcada pelo uso de expressões e palavras típicas do dialeto nordestino. Esse aspecto da obra pode ser interpretado como uma forma de valorização da cultura e da identidade nordestina, além de ser uma maneira de denunciarmo preconceito linguístico que muitas vezes é sofrido por pessoas que têm um sotaque ou dialetodiferente do padrão considerado como correto pela sociedade.

Dividiremos o trabalho nas seguintes sessões: No primeiro capítulo (tópico 5), a representação das mulheres na literatura é discutida, destacando a importância de dar visibilidade às vozes femininas historicamente silenciadas. Em seguida, Maria Valéria Rezende é apresentada como uma autora renomada que utiliza sua escrita para a bordar questões sociais relevantes. Sua obra “*Quarenta Dias*”; é explorada no contexto dessa discussão, revelando como a autora utiliza personagens femininas poderosas para refletir sobre temas como desenraizamento, migração e busca por identidade; no segundo capítulo, a construção das personagens é analisada,

destacando como o desenraizamento e os motivos que levam nordestinos a deixarem tudo para trás são explorados de forma sensível e realista; por fim, no terceiro capítulo, a representação da boneca Barbie é discutida dentro do romance, evidenciando seu impacto na vida das personagens e como ela é usada como um símbolo para explorar as pressões sociais e os padrões estereotipados impostos às mulheres.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Analisar a importância da autoria feminina na obra "*Quarenta Dias*" de Maria Valéria Rezende, explorando a construção da personagem Alice e a desconstrução de preconceitos, destacando as dificuldades enfrentadas por mulheres e pessoas nordestinas migrantes no Brasil.

2.2 ESPECÍFICOS

- Examinar a contribuição da autoria feminina na literatura, com enfoque na obra "*Quarenta Dias*", para fortalecer a representatividade das mulheres no cenário literário;
- Analisar a construção da personagem Alice, evidenciando suas características, motivações e trajetória, e como seu protagonismo desafia estereótipos e amplia a compreensão da experiência feminina;
- Investigar a representação e a desconstrução de preconceitos ao longo do romance, com ênfase nas questões de gênero e regionalidade, visando uma reflexão mais ampla sobre as desigualdades enfrentadas por mulheres e pessoas nordestinas migrantes no contexto brasileiro.

3. JUSTIFICATIVA

A literatura é uma importante ferramenta de reflexão e transformação social, uma vez que a partir dela é possível debater e problematizar questões relevantes que permeiam a sociedade. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar a obra "*Quarenta Dias*", de Maria Valéria Rezende, sob a perspectiva da representação regionalista nordestina e como ela contribui como uma voz ativa contra quaisquer tipos de preconceito.

Para isso, serão realizadas análises aprofundadas dos elementos presentes na obra, tais como personagens, enredo, cenário e linguagem, com o intuito de compreender como a autora utilizou esses recursos para retratar os conflitos e preconceitos vivenciados pelas personagens oriundas da região Nordeste do Brasil. Além disso, será destacado o papel da personagem Alice, uma mulher que enfrenta diversos tipos de preconceitos ao se deparar com um mundo novo e desconhecido, como forma de evidenciar as consequências negativas do preconceito e da discriminação na sociedade.

Por fim, será discutido o impacto atual da obra "*Quarenta Dias*" e como ela é relevante para o debate sobre preconceito e discriminação na sociedade brasileira, bem como suas contribuições para a valorização da cultura nordestina e da literatura que traz à tona aspectos compartilhados por pessoas nordestinas que migram de sua região de origem para outros espaços geográficos do país, mais especificamente a região Sul. Dessa forma, algumas perguntas servirão de apoio norteador: Como uma obra literária com representação nordestina pode contribuir como voz ativa contra quaisquer tipos de preconceito? Como nos é evidenciado certos tipos de preconceitos aos quais a personagem Alice enfrenta diante de um mundo totalmente novo? Qual impacto esta obra traz para os dias atuais?

4. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, de forma concomitante à leitura da obra *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende, buscou-se realizar um levantamento de textos que, com diferentes perspectivas teóricas, analisam a obra *Quarenta dias*, com o intuito de desenvolver um melhor processo de compreensão do romance em questão, afim de demonstrar suas contribuições para a literatura que tematiza vivências nordestinas, e de mulheres. Procurou-se pesquisar discussões teóricas das mais diversas áreas do conhecimento com o objetivo de aproximar a leitura de Quarenta Dias de temas como migração, estereótipos vinculados às pessoas nordestinas em outras regiões do país, a condição da escrita de mulheres na literatura ocidental e brasileira, elementos diversos ligados à representação de personagens mulheres na literatura, dentre outras questões

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico. Esse tipo de pesquisa de caráter teórico, é compreendida por Fonseca (2002, p.32)

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Os dados teóricos e críticos apresentados ao longo do trabalho, portanto, foram coletados através da pesquisa bibliográfica e serviram como uma ponte norteadora para realização do trabalho, buscando trazer para o mesmo novas informações e conhecimentos sobre os assuntos tratados na obra de Maria Valéria Rezende que é nosso objeto de estudo. Passado esse momento inicial, o trabalho se desenvolveu a partir da análise de Quarenta Dias, levando em consideração o método de análise crítica e estética do texto literário. Nesse sentido, buscou-se, em nossa análise, privilegiar a leitura dos seguintes aspectos da obra: Narrativa e estrutural, examinamos a forma como a história é contada e organizada, identificando elementos como o enredo, a construção dos personagens, a sequência de eventos e possíveis estruturas narrativas utilizadas pela autora; Além da linguagem e estilo, analisando o uso da linguagem pela autora, incluindo aspectos como vocabulário, a sintaxe, os recursos estilísticos e as figuras de linguagem presentes no texto.

5. CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM E ESPAÇO EM QUE SE ESTÁ INSERIDA

5.1 REPRESENTAÇÃO FEMININA (ESCRITA – PERSONAGEM)

O interesse em estudar a diversidade do mundo feminino é cada vez maior, e vários estudos e pesquisas nesse sentido têm se multiplicado, os quais têm demonstrado principalmente a importância da escrita feminina. Desde a sua criação, a educação literária brasileira não foi construída com a participação efetiva de grandes nomes de escritoras. Como área do conhecimento que reflete a história, a literatura trazia basicamente as mulheres subordinadas aos homens, o que se mostrava a partir de representações de uma sociedade preconceituosa.

Vale salientar que, por exemplo, no Brasil, até o início do século XIX, as mulheres não podiam escrever, e não tinham acesso à educação. Para que isso viesse a acontecer, as mesmas necessitavam de uma autorização de seus maridos ou pais. Então, ressalta-se que eram privados todos os meios de expressão e ainda assim essas mulheres ouviam coisas pejorativas. Como regra, as meninas pobres não recebiam qualquer espécie de educação formal, interessando aos pais mais o aprendizado das prendas domésticas do que o da leitura e da escrita. Uma concepção tradicional do papel da mulher, vista sobretudo como esposa e mãe, permeia toda a sociedade e a literatura. Em um círculo vicioso, essa situação se tornava responsável pela ausência de mulheres na literatura.

Sobretudo é importante mencionar também que mesmo diante de extremas dificuldades sabe-se que mulheres ainda conseguiam escrever, entretanto, essas mulheres escritoras buscavam por pseudônimos masculinos para que conseguissem publicar seus escritos segundo o site jornalístico **BBC News Brasil** como: Currer, Ellis e Acton Bell (depois republicados com seus nomes verdadeiros: Emily e Charlotte Brontë) e George Eliot (nunca publicada com seu nome verdadeiro, Mary Ann Evans).

É preciso enfatizar que ao longo do século XIX mudanças passam a acontecer na literatura brasileira, o que acarretou a maior visibilidade na luta das mulheres contra quaisquer tipos de preconceito social, enfraquecendo aquela sociedade machista, e o que fez com que autoras chegassem mais perto da liberdade literária, liberdade essa a partir da qual essas autoras poderiam enfim abandonar pseudônimos masculinos. Já existia uma luta maior que as garantia

uma liberdade de expressão melhor, e uma possibilidade maior para seus estudos o que consequentemente faria com que cada uma delas pudesse aprimorar os seus escritos. É a partir daí que conhecemos autoras, sobretudo nordestinas, que conseguiram cravar seus nomes na história, como: Nísia Floresta, Maria Firmina Dos Reis, e uma das maiores autoras conhecidas na literatura brasileira, Raquel de Queiroz.

Em 1976, o Artigo 17 da Academia Brasileira de Letras é modificado com o intuito de incluir mulheres, desfazendo de vez o que antes seria totalmente proibido. Raquel de Queiroz então se candidata à Academia Brasileira de Letras, disputando a cadeira 5 com Pontes de Miranda, e com 8 votos de vantagem consegue a sua aprovação. Vale salientar que isso acontece quase oitenta anos após a fundação da instituição. No dia 4 agosto de 1977, Raquel já faz parte da ABL.

Em entrevista publicada no *Correio Brasiliense*, Raquel afirma:

Estou muito contente e espero que, no meu rastro, outras intelectuais ingressem na Academia Brasileira de Letras, sendo que, desde agora, mais do que nunca, serei eleitora fervorosa da candidatura de Dinah Silveira de Queiroz, a primeira dama da literatura brasileira. (QUEIROZ, 1977).

Após alguns anos, Dinah Silveira de Queiroz acaba finalmente sendo aceita para a Academia, em 1980, sendo sua posse em 7 de abril de 1981, ocupando a cadeira 7. Assim como Rachel, Dinah infelizmente não mencionou em seu discurso a mais recente presença de uma mulher na academia. Em 1985, Lygia Fagundes Telles se candidatou para ocupar a cadeira 16, em ocasião da morte de Pedro Calmon. No dia 24 de outubro do mesmo ano, Lygia foi aceita. Diferentemente das duas outras mulheres já ingressas, Lygia menciona a elegibilidade feminina em seu discurso:

Antes de a Academia Francesa de Letras, que foi nosso modelo, receber Marguerite Yourcenar, esta Academia Brasileira de Letras teve o *beau geste* de abrir suas portas para Raquel de Queiroz. Em seguida, para Dinah. “Não quero um trono — diria também Rachel de Queiroz — Quero apenas esta cadeira” (TELLES, 1987).

Ao todo, tivemos ingressas na Academia um total de seis mulheres em cem anos de história da Academia. É também de extrema importância mencionar as mulheres autoras que não buscavam a “imortalidade” e não tinham a Academia como ponto alto de suas carreiras, o que não as impediam de ser escritoras extremamente valorizadas, fazendo parte do cânone literário. Clarice Lispector, por exemplo, foi uma autora respeitada em seu tempo, sendo inclusive ganhadora do prêmio Jabuti de 1961 na categoria contos. Ela nunca se candidatou à Academia mesmo após as mulheres já serem aceitas.

É através dessas autoras conhecidas lá atrás que trazem consigo uma bagagem tão importante que escritoras como Maria Valéria Rezende obtiveram uma “liberdade” para adentrar no mundo literário. Mesmo que ainda existam alguns empecilhos, como uma sociedade preconceituosa, sabe-se que a luta continua e que essas escritoras permanecem mostrando suas escritas ao mundo.

5.2 MULHERES: ESCRITORAS E PERSONAGENS

Em 2015, Regina Dalcastagnè, professora da UnB, publicou um artigo chamado “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. O artigo apresenta dados de uma pesquisa na qual foi feito um mapeamento acerca dos personagens da literatura brasileira contemporânea. Sobre a sua motivação para tal pesquisa Dalcastagnè revela:

esta pesquisa tem início com um sentimento de desconforto diante da literaturabrasileira contemporânea, desconforto causado pela constatação da ausência de dois grandes grupos em nossos romances: dos pobres e dos negros.(DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14).

É através dessa pesquisa que também nos é revelado mais um grupo em que existe uma ausência de certa forma das mulheres. Neste estudo podemos observar o grande número de escritores homens e também de personagens masculinos. Vale salientar que Regina Dalcastagnè opta por utilizar livros de editoras mais conhecidas/famosas. Através de uma entrevista para o *Jornal Zero Hora* publicado em 24 de fevereiro de 2013, Regina justifica sua escolha de editoras:

ZH — Uma ressalva que poderia ser feita é que a pesquisa não considera romances publicados por editoras menores. Regina — Os números seriam muito próximos. As pessoas se sentem incomodadas, como se eu estivesse desvalorizando as editoras pequenas. Não há nenhuma valorização, até porque lemos livros horríveis publicados por grandes editoras (risos). Não queremos dizer que não há excelentes escritores publicando por pequenas editoras. Essa pesquisa é numérica. O que estamos dizendo é que, quando um livro é publicado por uma grande editora, é considerado literatura. A grande editora acaba dando um carimbo. Fora isso, a grande editora chega a todas as livrarias do país, tem mais acesso à imprensa, consegue traduções para o Exterior. Estamos discutindo o campo literário. Quem publica por grandes editoras é considerado, de fato, um escritor. Como tem uma divulgação maior, o escritor tem como influenciar outros produtores. (*Jornal Zero Hora*)

Voltando à pesquisa, foram analisadas 258 obras, das quais 123 (47,7%) foram publicadas pela Record, 76 (29,5%) pela Companhia das Letras e 59 (22,9%) pela Rocco. Ao todo, o estudo mostrou que dos 165 autores, 120 eram homens. Ou seja, apenas 45 eram

mulheres. Em relação à idade, a pesquisa também nos mostra que existe uma lacuna de escritores jovens e idosos, já que apenas 2,3% têm menos de 30 anos, com apenas 7,0% entre 70 e 79 anos, e 1,5% com mais de 80.

Foram identificados nas obras 1235 personagens tidos como importantes para as histórias. Sobre o critério utilizado, Dalcastagnè (2005, p.35) afirma:

foi realizado um esforço para homogeneização das avaliações, permitindo localizar, em cada livro, as personagens mais cruciais para o desenrolar da trama. Não se restringiu aos protagonistas, mas deixou de lado figurantes, personagens menores ou aquelas cuja presença se limitava a subtramas claramente secundárias

Dessa forma, existiam 4,8 personagens importantes por livro. Assim como visto no caso dos autores homens, a predominância em relação aos personagens masculinos existia, sendo 62,1% (773) dos personagens homens e 37,8% (471) mulheres, e dentre os personagens existia a presença também de um que não se encontra no sistema binário de sexos. Algo também que chocou foi o fato de que em 41 dos livros em que foram feitas as pesquisas não existia nenhuma personagem feminina. Em contrapartida, para os homens, essa estatística se aplica a apenas 1,6% das obras.

Além desse quantitativo, foram analisados também os coadjuvantes e narradores. Os dados então revelam que apenas 31,7% dos narradores e 28,9% dos personagens protagonistas são mulheres, enquanto todo o restante são homens. Em relação aos coadjuvantes, 41,5% mulheres e 58,3% homens (com 0,1% de “outro”, sendo o personagem não binário mencionado anteriormente). Além de serem minoria nos romances, as mulheres têm acesso limitado à “voz”, ou seja, ao papel de narradoras, e quase não aparecem como protagonistas das histórias.

Fica claro que a baixa presença de mulheres entre os autores se reflete na baixa visibilidade das mulheres nas obras produzidas. Vale salientar que essa diferença na representação tanto de escrita masculina quanto de escrita feminina não se trata de uma regra, mas que podemos dizer que são traços que adquirimos ao longo dos anos na nossa sociedade, onde o ser feminino não “necessitava” de uma voz, e a mesma era atribuída ao ser masculino. Não se trata de uma briga entre os sexos, mas talvez de reflexos daquilo que vimos e fomos apresentados alguns anos atrás, quando as mulheres eram totalmente invalidadas, e hoje se busca um espaço maior para essa representação de personagens femininas que têm voz ativa.

5.3 CONHECENDO UM POUCO A AUTORA MARIA VALÉRIA REZENDE

Maria Valeria Rezende nasceu em São Paulo, onde morou até os seus 18 anos de idade. Em 1965, a autora entra para congregação de Nossa Senhora, onde dedicou-se à educação popular. Em 1972 Maria Valéria Rezende morou no Nordeste em Pernambuco, e logo depois mudou-se para o meio rural da Paraíba onde permaneceu até 1986, e desde então reside em João Pessoa, onde está hoje. Recebeu o Prêmio Jabuti de Melhor Romance de 2015, em uma obra de ficção sobre a migração dos nordestinos ao Sul do país. Além da obra *Quarenta Dias* Maria Valéria Rezende escreveu obras como “o ouro dentro da cabeça”, “outros cantos”, “a face serena”, “conversa de jardim”, essas são apenas alguns títulos dos vários que a autora trouxe para o mundo literário.

Em uma entrevista ao Canal de Youtube chamado *Itau Cultura*, Maria Valeria Rezende fala sobre um pedido que lhe foi feito para escrever uma história da classe operária que os operários conseguissem ler, pedido feito a autora por já ser conhecida como alguém que conseguia escrever de maneira leve em uma linguagem mais acessível, e dali inicia-se seus 30 anos de pesquisa. podemos observar no trecho:

“Durante os anos 1970, o pessoal do Movimento Ação Católica Operária me pediu para eu escrever uma história da classe operária que os operários pudessem ler. Porque eu era conhecida como alguém que era capaz de escrever as coisas em uma linguagem bastante acessível e ao mesmo tempo correta. E eu comecei a mexer e descobrir que não existia muita pesquisa, nem acadêmica, ou pelo menos a gente não encontrava. E aí eu me meti a fazer pesquisas, e fui pegando o jeito e fiz essa história da classe operária para eles. O pessoal da comissão da história da igreja da América latina me capturou para fazer uma versão popular da história da igreja no Brasil no período colonial, que já estava pesquisado. E eu fiz um livrinho que se chama ‘Não se pode servir a dois senhores’ e foi meu maior sucesso editorial, embora que não tenha ido, no primeiro momento, para as livrarias, porque foi distribuída e uma das coisas que eu notei é que tinha pouquíssimo sobre as mulheres, quase nada. Era uma história de homens”

Rezende criou também um projeto denominado “mulherio das letras” que teve como intuito reunir autoras de diferentes locais a fim de aproximá-las. Em um bate papo com Vivian Moraes notamos a sua importância:

O evento gerou algum manifesto ou documento? Qual a importância de se dar visibilidade às mulheres no meio editorial ou tangente a ele?

Maria Valéria: Não era intenção do encontro gerar nenhum “documento” nem “tese vencedora” ... apenas criar uma oportunidade para nos vermos, nos comunicarmos, sabermos quantas e quem somos, perceber os consensos entre nós e os dissensos que permanecem pedindo mais debates, e sobretudo gerar ânimo e parcerias. Boa parte dos frutos do I Encontro já estão acessíveis no site Mulherio das Letras, que vai permanecer, esperamos, e ser alimentado pelo que se vai produzindo. Mais do que um evento, isso foi um momento de

um amplo movimento que está se espalhando em vários núcleos locais, regionais, no país e além-fronteiras e creio que não vai mais parar! Preparemo-nos que há muita coisa linda pronta pra sair das gavetas do Mulherio!

Vale salientar a importância desse evento proporcionado por Maria Valéria Rezende dando espaço para que outras mulheres escritoras possam encurtar laços e trocar ideias, se unindo para deixar esse espaço ainda maior e com mais força para crescer cada dia mais.

5.4 CONHECENDO A OBRA *QUARENTA DIAS*

Tudo inicia com nossa protagonista chamada Alice que mora em João Pessoa. Professora de francês que acaba de se aposentar. Mora sozinha, tem uma filha que mora com o marido em Porto Alegre. Alice então aposentada sente-se pronta para viver tudo aquilo que ainda não tivera tempo de viver, dona de seus próprios horários, de seus amados inseparáveis livros, do seu apartamento. Dispõe de uma bela praia para desfrutar a cada dia naquele lugar ensolarado, de gente calorosa, apesar das dificuldades próprias a todo ser humanocompensadas pelas alegrias que nascem no fundo da alma.

De repente, para satisfazer o querer da filha, Alice é levada a se mudar para Porto Alegre, cidade de que tem na lembrança a friagem e o tempo quase sempre nublado, totalmente diferente daquilo que nossa protagonista ama em João Pessoa. Afinal de que, afinal, segundo a filha, Alice já não tem mais o que fazer em João Pessoa. Acontece que, chegando a Porto Alegre ao conhecer onde seria seu novo apartamento minúsculo -mas com suíte- alugado e mobiliado pela filha, recebe a notícia que o casal vai partir para a Europa na semana seguinte.

Afinal de fugir de tudo que agora se tornará seu “pesadelo” Alice embarca em uma busca, busca essa a pedido de uma conhecida da sua cidade, que já não tinha mais notícias de um filho chamado Cicero Araújo que estaria também na mesma cidade, então Alice sai pelas ruas de Porto Alegre em uma incessante busca, apenas com um nome e uma enorme vontade de fugir de tudo que estava acontecendo, é nesse momento que somos levados a lugares marginalizados daquele lugar. Nesse percurso Alice se depara com histórias de pessoas que vivem em situação de rua e faz amigos em lugares totalmente distantes da sua bolha.

5.5 MAS QUEM SERIA ALICE?

Em *Quarenta Dias* somos apresentados à personagem Alice. Alice é uma mulher madura, professora de francês aposentada que mora em João Pessoa, Paraíba, que se orgulha muito de ser paraibana. É mãe solteira e completamente apaixonada pela literatura. Ao longo do romance Rezende descreve que Alice havia se aposentado há pouco tempo e agora estava buscando aproveitar os momentos que passaram enquanto ainda mantinha suas obrigações como professora, então após sua aposentadoria buscava aproveitar sua companhia e a companhia dos seus amigos;

eu não havia de largar pra trás tudo o que custei tanto a conquistar, meus velhos amigos, os alunos que se tornavam novos amigos, a praia, o Atlânticodinho a minha frente, planos de viagens e atividades que tinha tido de adiar até então, mas ainda em tempo de realizar, uma vida que eu considerava feliz, apesar das cicatrizes. (REZENDE, 2004, p. 27)

A mesma possui uma filha chamada Norinha, que reside em Porto Alegre. No romance, Alice é retratada como uma “velha”, com uma carga ideológica em que a filha logo de início no romance a atribui, uma ideia de velhice destinada a degradá-la, ou até mesmo rebaixá-la a fim de promover e gerar uma persuasão. Fazendo com que sua mãe passasse de alguém totalmente independente para “apenas” uma velha que já tinha vivido o suficiente do seu ponto de vista. Vale salientar que essa ideia de velhice a qual lhe é atribuída vai muito além da sua filha e que não se trata de algo que somente a jovem a vê e a trata de tal maneira. Percebemos que em toda narrativa sempre alguém a tratava dessa forma, a rebaixando e até mesmo duvidando de suas capacidades apenas por ser alguém de meia-idade. Podemos observar no trecho um desses momentos:

Vi adiante um rapazinho de farda escolar, esperando na ponta de uma faixa pra atravessar a rua, cheguei perto, perguntei: Meu filho, a rodoviária é muito longe daqui? dá pra ir a pé? Ele me olhou de cima a baixo, eu já tão acostumada a ser olhada assim, desejando que pelo menos alguém me olhasse de baixo para cima, bobagem a minha! o menino só estava avaliando minha capacidade atlética pra escolher a resposta: Pra mim dá, fácil, a senhora se quiser tentar é só seguir por aqui ó, vá em frente, vai perguntando, que chegará, não é longe, não, pra mim não é. (REZENDE, p. 183).

Essa carga atribuída é o que deixa a relação entre mãe e filha totalmente conturbada, já que é através desses “ataques” que Alice passa a ficar totalmente inquieta, e se perde de si mesma. Cheio de emoção e culpa, aí se cria um muro entre ambas cada vez mais difícil de se quebrar, as afastando cada vez mais, fazendo com que Alice já não reconhecesse mais a sua filha. Afinal, disfarçado como algo que pudesse ser benéfico para a protagonista, Norinha, então, passa a manipular a mãe para que se mude para Porto Alegre com o objetivo de fazê-la

cuidar de um suposto neto que ainda está por vir. De início, Alice se recusa a deixar tudo para trás e se mudar. Podemos ver no trecho em que Alice menciona:

Eu, de cara, disse não, eu não queria me mudar pra Porto Alegre, aquele frio danado!, nem era preciso que hoje a moda é todo o mundo botar a pobre da criança presa numa creche assim que desmama, eu não havia de largar pra trás tudo o que eu custei tanto a conquistar, meus velhos amigos, os alunos que setornavam novos amigos, a praia, o Atlântico todinho na minha frente, planos de viagens e atividades que tinha tido de adiar até então, mas ainda em tempode realizar, uma vida que eu considerava feliz, apesar das cicatrizes. (REZENDE, 2014, p. 27).

Esse é um dos pontos abordados pela personagem que nos chama atenção. Não se trata apenas de deixar um apartamento para trás, mas sim as memórias, foi cada lugarzinho, cada móvel que fez de Alice a mulher que ela é. Ser forçada a abrir mão de seus pertences, sua casa e tudo em sua vida é ser forçada a abrir mão de sua personalidade, porque tudo isso confirma a construção identitária da personagem, assim como afirma Bosi (1997, p. 435) que “tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver”.

Afinal, sabemos que é através da nossa casa, nossa vivência, das lembranças em materiais que concretizamos tantos momentos que foram de extrema importância. Podemos ver essa importância no trecho “A última peça a sair de minha casa foi a cadeira de balanço austríaca com a palhinha gasta protegida por uma almofada de ponto de cruz, restos da casa da minha vó” (REZENDE, p. 8). Observa-se que cada móvel que a personagem tinha em sua casa tinha um significado para si que faz parte de sua história e sua vivência ao longo dos anos. Isso sim deixava Alice apavorada: ter de ir para um lugar totalmente diferente e que não agregava em nada sua construção.

Alice se depara com um problema recorrente, principalmente na contemporaneidade, sobre a representação das pessoas de meia-idade. E esse problema além de aparecer e ser evidenciado na sociedade a qual a protagonista enfrenta, o que a deixa ainda mais triste é saber que é assim que a sua filha a enxerga, se tornava intrigante para Alice perceber que a sua filha a qual ela se dedicou para conseguir dar uma vida estável mesmo com a ausência do pai, acabou a retribuindo com ingratidão fazendo com que nem Alice conseguisse reconhecer a personalidade de sua filha, onde aquela criança doce que era companheira da mãe acaba dando espaço para alguém extremamente grossa e que a acusava de tudo aquilo que Alice tentava fazer com que a sua filha não sentisse, fez papel de mãe e pai, mas ainda assim não parecia suficiente.

O tom com que me falava foi se tornando cada vez mais acusatório e amargo, e eu cada vez, mais assombrada ao descobrir como minha filha via a vida que

me matei pra lhe dar, as culpas que me atribuía, a imagem que tinha de mim. Era de duvidar que aquela estranha acusadora fosse de fato minha filha, saídas minhas entranhas, e não porque fosse assim tão branca, tão alta, tão loura, de aparência tão diferente da minha. (REZENDE, p. 28)

Alice então passa a observar ainda mais de perto a ingratidão de sua filha diante de tudo, é nesse momento que ela passa a não reconhece-la, não reconhece que aquela à qual se dedicou para dar o seu melhor havia desaparecido com o tempo, dando espaço a quem ela não reconhecia alguém que não parecia ter nascido dela. Alice então demonstra uma tristeza que a tomava conta de si, tristeza essa de saber que a filha se tornava totalmente diferente daquilo que ela imaginava que seria, diferente de Alice sua filha não demonstrava orgulho de sua terra, e seus traços paraibanos já quase não existiam mais, “O que me estarrecia era a inteiramente desconhecida, revelada pelas palavras agora ditas noutra língua, na qual nem se ouvia mais um traço da fala paraibana, sua língua materna, fora o “Mainha” que ela deixou de usar logo depois do meu primeiro não. (REZENDE, p.28)” Alice não conseguia entender como a filha dela não dava valor aquilo a qual ela cresceu e viu sua mãe a mostra-la com tanto amor. Aquele amor brilho que Alice mantinha por ser paraibana a filha já havia deixado de lado e não se reconhecia da mesma maneira.

Vidas de mulheres de meia-idade “reduzidas a avós” em muitas famílias, como se essas mulheres ao chegarem a uma determinada idade simplesmente não tivessem mais nada para viver e nem uma vida a qual elas mesmas escolhessem, como se a velhice não fosse algo natural e todos estão destinados a passar. Estamos sempre sujeitos a apontamentos de dedos da sociedade e não seria diferente na velhice, tratando-se então de algo que significaria supostamente o fim de uma vida independente e que a partir dali terceiros passam a tomar conta do que deve ou não acontecer. Conforme afirma Simone Beauvoir, em *A velhice*:

Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial; modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence. (BEAUVOIR, 1999, p.99)

Observa-se também que além dessa carga ideológica a relação entre mãe e filha passou a se perder em meio ao tempo. Norinha logo mais velha já culpava a mãe por ser tão sozinha, pelo fato de ser filha única e seu pai ter sido ausente.

Para sua filha, aquela vida que a mãe a tinha oferecido não era boa o bastante, logo que ela sai da Paraíba os telefonemas são cada vez mais raros, o sotaque da tão amada Paraíba e o orgulho pelas suas raízes atribuído pela sua mãe passa a desaparecer, até chegar um momento em que Norinha só voltava ao seu sotaque quando queria conseguir algo da sua mãe, a

manipulando e levando em consideração apenas o que lhe faria bem, de forma totalmente egoísta.

No romance quando Norinha e todos os outros personagens resolvem por Alice que a mesma já havia chegado à meia-idade, e que agora ela deveria abrir mão de tudo para que assumisse o papel de avó, e ali não contava o que Alice achava sobre isso.

Aquela canseira foi me amolecendo, dia a dia, me dando uma desistência, e nem me lembro direito se foi a própria Norinha ou sua aliada-mor, Elizete, quem me arrochou num canto da parede: Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar a sua única filha. (REZENDE, p. 34)

Como observamos em nosso meio social, os idosos possuem identidades estereotipadas que tendem a suprimi-los e subordiná-los, reduzindo-os a tarefas domésticas típicas, como cuidar de netos, acalmar conflitos familiares, exercer funções de memória e aconselhamento.

Alice então se vê em um beco sem saída e cede aos pedidos da filha e de todos ao seu redor, já em Porto Alegre a protagonista então percebe que aquilo a qual a filha designava como um lar não era confortável como em sua cidade, Alice se encontra pedida e sozinha em um mundo totalmente novo. Em um momento de esgotamento Alice recebe um pedido de uma conhecida de sua terra para que procurasse seu filho que não havia mais dado notícias e é aí que Alice se ampara e usa esse momento como uma fuga de tudo aquilo que estava a sufocando, então ela sai em busca de Cícero Araújo.

Em sua busca por um desconhecido, tendo apenas um nome e uma vontade de fugir daquela realidade Alice acaba encontrando refúgio na literatura, e é nesse momento que percebemos a professora Poli e sua paixão que sempre carregou consigo, quando Alice encontra um sebo em que estavam sendo vendidas obras clássicas por apenas R\$ 1,99, e com o pouco dinheiro que tinha, de frente à situação em que se encontrava que será citada ao longo do romance, a protagonista ainda busca uma forma de comprá-los para que conseguisse lê-los após voltar para seu apartamento. Alice então após comprá-los os coloca em uma bolsa de rodinhas e passa a carregá-los pelas ruas, algo que resalta a importância que eles tinham para si.

Após um longo caminho arrastando sua bolsa de livros, Alice então entra em um sebo e observa todos aqueles livros ali bem na sua frente e ali se resalta a paixão de protagonista, ao lembrar de um sonho realizado em Paris quando visitou suas famosas livrarias.

Introduzida pelos guardanapos garatujados, um ambiente cheio de possíveis esconderijos, lembrei-me da livraria Shakespeare and Company, em Paris. Aquela história, eu tinha lido sei lá onde, me ficou como uma situação perfeita pra quem quisesse apenas ler e escrever. Eu não, Barbie, aquilo era sonho demais para mim, mas que era bonito de imaginar era, eu chegando à Rive Gauche com manuscrito de bolso e uma mão na frente e outra atrás quase como eu me sentia naquele momento, e poder dormir na livraria em troca de ler e resenhar um livro por dia! Fiquei lembrando sentada em uma pilha de livros, ninguém por perto para impedir. Fui longe. Aquela livraria, onde já não dorme mais ninguém, a não ser as traças, acho, foi uma das primeiras coisas que quis visitar em Paris, naqueles três meses que passei lá, com uma bolsa da aliança francesa. (REZENDE, 2000, p. 178).

Percebe-se que a literatura para a personagem se transforma em um refúgio, uma forma de fugir da realidade que nesse momento era totalmente diferente daquela em que ela vivia em seu apartamento sem conhecer as ruas da forma que agora estava conhecendo. Ali Alice sai da sua bolha, da sua zona de conforto e daquele mundo “perfeito das barbies” como a mesma menciona. Em determinado ponto e depois de tanto tempo nas ruas Alice se vê sem nenhum dinheiro nem para que conseguisse se alimentar, e o que a ajuda nesse ponto são novamente os livros, nesse momento Alice retoma ao sebo e os vende por alguns trocados para conseguir se alimentar.

Na rodoviária, o golpe final, o veredito da máquina: saldo insuficiente. Esmoreci de vez, sem banho, sem comida, rasgada, desmantelada, deixei-me cair em mais um banco, indiferente os olhares, se é que alguém me via, cochilei e acordei mil vezes, saí pra rua tocada pela fome, a esmo, coragem nenhuma de pedir nas portas, de mexer no lixo, vendi no sebo meus livros novos de 1,99 pela quantia suficiente por três cachorros-quentes, bebi água datorneira, mendigada em balcão de bares. Já não tinha mais nada a perder. (REZENDE, 2000, p. 244)

Mais uma vez, os livros salvam a Alice, dessa vez não a tirando daquela realidade e a fazendo viajar em suas páginas, mas agora servindo como qualquer coisa de grande valor ao qual ela consegue recorrer e os vender novamente para assim conseguir algo para comer e aguentar tudo que ainda tinha para vivenciar nas ruas. Agora de fato conhecendo ainda mais a fundo as dificuldades das pessoas que vivem na rua sem nenhum dinheiro nem para conseguir se alimentar.

5.6 O NORDESTINO E SUA CONDIÇÃO NO SUL DO BRASIL

Através de Alice, caminhamos por assuntos totalmente pertinentes, como o preconceito social, preconceito esse que acontece nos dias atuais quando um nordestino busca talvez melhorias em um outro lugar, geralmente nas grandes metrópoles, como em São Paulo onde a maior parte dessas pessoas nordestinas tendem a procurar por um futuro melhor ou que é obrigado a isso, e acaba na maioria das vezes não conseguindo encontrar essa melhoria, e só consegue esbarrar com o preconceito apenas por ser de tal região, ou pelo sotaque nordestino, o que o deixa totalmente à margem.

Essa história é totalmente diferente do drama dos imigrantes em busca de melhores oportunidades no Sul, porque esse deslocamento de Alice é uma manipulação emocional que sua filha a sujeita sabendo que a mesma iria em algum momento aceitar, devido à idade e toda insistência. Mas Alice, que percebe que é extremamente solitária, busca refúgio em pessoas que sejam “iguais” a ela. Na Vila João Pessoa, favela do Rio Grande do Sul, conhece outros “brasileirinhos” como ela. “Lola, Arturo, foram só os primeiros, depois vieram tantos outros! Fui aprendendo, ficando mais e mais igual a eles [...] e eram tantos! aves migrantes de todas as espécies, perdidas do bando, cansadas ou extraviadas a meio do caminho.” (REZENDE, 2014, p. 238).

Alice ao se mudar acaba passando por preconceitos e nos é demonstrado ao longo de suas páginas: “Dona Alice, estou mandando aí pra senhora uma diarista que, essa sim, a senhora vai gostar demais e tenho certeza de que ela vai ter tempo e querer lhe servir, vão se dar bem, que ela é *brasileirinha*, assim como a senhora.” (REZENDE, 2014, p. 66, grifo nosso).

Esses trechos da narrativa, em meio a tantos outros, são falas que Alice acaba ouvindo ao chegar a Porto Alegre, quando, ao procurar uma diarista para ajudá-la, é recusada por uma que a reconhece como alguém que supostamente é nordestina, e após isso, ao solicitar uma nova, o porteiro diz que lhe enviará outra que, assim como ela, é *brasileirinha*, uma fala como se tentasse diminuí-la ou excluí-la, como se ela fosse de uma “espécie” estereotipada pelo preconceito e pela xenofobia.

5.7 CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS

Maria Valéria Rezende em sua escrita nos apresenta histórias de um cotidiano que se assemelha ao real que o leitor possa inteirar-se ou que através de suas linhas mergulhe em algo

que até então o mesmo ainda não conhecia. A autora fala sobre uma realidade, conseguindo apontar para o leitor quadros do exterior que são vivenciados e encontrados no dia a dia, mas que muitos se negam a enxergar. A autora através de *Quarenta Dias* nos apresenta a múltiplos ângulos dessa realidade, ou seja, ela faz com que nos inserimos na “pele” da personagem e comecemos a ver tais realidades de maneira diferente.

Como mencionado por Beth Brait (2000, p.18), “é possível verificar nesse quadro que a ideia de reprodução e invenção de seres humanos combina-se no processo artístico, por meio dos recursos de linguagem de que dispõe o autor”, ou seja, é através do que o autor nos possibilita em sua escrita, como descrições de realidades, que podemos observar tal situação de maneira mais real, podendo fazer a conexão com situações as quais já vivenciamos e que de alguma forma passaram despercebidas.

Ao longo da narrativa, Alice, personagem tida como principal, passa a cruzar com alguns personagens que são de extrema importância para a construção do que a autora tenta nos mostrar, de maneira que a mesma passa a conhecer diferentes histórias que até então ela não tinha consciência, histórias essas que de certa forma fazem Alice “despertar” e ver que aquele motivo de ficar chateada apenas por estar longe de sua terra a qual a chateava tanto parecia banal se comparado aos problemas que tantas pessoas que cruzaram sua vida nas ruas enfrentavam.

Um conceito de personagem que conhecemos através da obra *A personagem* de Beth Brait (2000, p. 31) é o de “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas dos recursos utilizados para a criação”. Isso ressalta o que foi mencionado anteriormente, no sentido de que é através do que conhecemos/vivenciamos que os personagens podem ser criados.

No século XX, a discussão acerca dos personagens continua entre estudiosos a fim de entender como esses personagens nascem, se tratando unicamente de ficções ou se os mesmos estão de alguma maneira interligados ao exterior do escritor, que de certa forma buscaria nesse meio construções de um personagem “perfeito” para sua narrativa. Uma nova ótica então passa a surgir

A nova concepção de personagem instaurada por Lukàs apesar de reavivar o diálogo a respeito da questão e de fugir às repetições do legado aristotélico e horaciano, submete a estrutura do romance, e consequentemente a personagem, a influência determinante das estruturas sociais. Com isso, apesar de nova ótica, a personagem continua sujeita ao modelo humano. (BRAIT, 2000, p. 39)

Ainda segundo Beth Brait (2000, p. 40), Forster separa esses personagens como planos e redondos. Os personagens planos seriam aqueles construídos em meio a uma única ideia, geralmente definidos em poucas palavras, e não passam ou não demonstram uma evolução durante a narrativa. Temos como exemplo a personagem filha de Alice, Norinha, que é iniciada em torno de uma única ideia, que tem como objetivo levar a mãe para Porto Alegre. Norinha também não apresenta no decorrer da história nenhuma mudança visível ao leitor, nem em suas crenças e nem em seu comportamento que permanece o mesmo de início ao fim. Também podemos classificar Norinha como uma personagem anáfora a qual se trata de um personagem que só passa a ser compreendida completamente dentro da rede de relações formadas dentro da obra.

Norinha durante a narrativa nos apresenta uma mesma atitude em relação a sua mãe. Além de tirar a mãe de sua cidade onde tinha construído a sua vida, a mesma ainda a deixa sozinha em um lugar totalmente desconhecido, no momento em que resolve revelar que passará alguns meses no exterior. Mais uma vez pensando somente em si mesma e esquecendo novamente em como a mãe dela iria lidar com o fato, e como aquilo a afetaria.

Já as personagens classificadas como redondas apresentam uma complexidade, às quais são atribuídas várias qualidades ou tendências, surpreendendo o leitor “(...)São dinâmicas, são multifacetadas, construindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano” (BRAIT, 2000, p.41). Temos como exemplo a personagem Alice, que no início da narrativa apresenta um comportamento e uma visão completamente diferentes das que ela demonstra ao longo das páginas. Isso porque Alice passa a ter contato com outros personagens importantes que a fazem observar as coisas de uma ótica diferente. A mesma também se trata de uma personagem chamada de “personagens referências” que:

são aqueles que remetem a um sentido pleno e fixo, comumente chamadas de personagens históricas. Essa espécie de personagem está imobilizada por uma cultura, e sua apreensão e reconhecimento dependem do grau de participação do leitor nessa cultura. Tal condição assegura o efeito do real e contribui para que essa espécie de personagem seja designada herói.

Alice também é a narradora de toda a história e é através dela que conhecemos os demais protagonistas. Segundo Beth Brait, “Através desses traços, a personagem vai sendo construída, e o leitor, por sua vez, pode descobrir, antes do final, a dimensão ocupada pela personagem no desenrolar dos ‘acontecimentos’”. (BRAIT, 2000, p.56)

Dentro da narrativa, somos apresentados a outras figuras do enredo, como Elizete, que aparece na história como o que podemos classificar de ‘personagem anáfora’ que: são aquelas

que só podem ser apreendidas completamente na rede de relações formada pelo tecido da obra” (BRAIT, 2000, p. 46). Elizete ajuda Norinha a convencer e fazer com que Alice decida ir para Porto Alegre, conhecemos também outros personagens que acabam passando pela vida de Alice.

só agora sei exatamente quanto tempo durou essa maluquice porque **Milena** não pensou em arrancar os dias já passados da folhinha do Sagrado Coração de Jesus, que **Tia Brites** continua a me mandar todo Natal, e quando entrei perguntei a data de hoje ao porteiro **Jerônimo** a me olhar como quem vê visagem. (REZENDE, p.18)

Através desses trechos da narrativa conhecemos mais alguns personagens que cruzam o caminho de Alice de alguma maneira, esses personagens acabam passando no decorrer do romance de uma forma mais breve. Podemos classificá-los como “personagens *embrayeurs*”, que seriam, segundo Beth Brait (2000, p. 46), “as que funcionam como elemento de conexão e que só ganham sentido na relação com os outros elementos da narrativa, do discurso, pois não remetem a nenhum signo exterior”.

Ainda ao decorrer dos quarenta dias em que Alice anda pelas ruas de Porto Alegre com objetivo de encontrar Cícero Araújo a pedido de sua colega, Elizete que foi uma das responsáveis em fazer Alice decidir ir de vez nessa viagem que conhecemos tantos outros nomes e histórias da narrativa.

Inconfundível Alôôô esganiçado da Elizete, disparando sem esperar resposta, Alice, já voltou de Jaguarão? afinal! que bom, porque a Socorro tem uma coisa importantíssima para lhe pedir. Socorro? mas qual Socorro? Aquelaque foi manicure aqui perto e agora vende Avon, você sabe muito bem, ficoudoidinha de saber que você está em Porto Alegre, é que o filho dela, o Cícero,foi-se embora pra aí levada por uma construtora faz quase dois anos, e sempre ligava para ela, toda semana, dado notícia. (p. 92)

Alice então através desse telefonema utiliza a situação para de certa forma “escapar” daquele apartamento que até então não conseguia chamá-lo de casa. Desde que havia nele chegado, ainda não conseguia se adequar àquele ambiente que a sua filha organizara para ela. Era tudo ainda muito desconhecido, a mesma ainda se referia ao apartamento como tabuleiro de xadrez. Nada com a sua cara, nada que a fizesse se sentir verdadeiramente em seu lar, como se sentia em João Pessoa.

Voltando para Cícero e sua representação dentro da narrativa, podemos classificá-lo ainda seguindo a obra de Beth Brait (2000, p. 50) como um “objeto desejado” que se refere “a força de atração, fim visado, objeto de carência; elemento que representa o valor a ser atingido”. A importância de tal personagem é gigantesca, mesmo não se tratando de um protagonista que

de certa forma participa completamente da obra, sendo apenas mencionado por outros personagens. É o que representa todo o clímax que o romance descreve. É através dessa busca que todo enredo acontece.

Andando pelas ruas, Alice se depara com várias pessoas e vários olhares diferentes, olhares às vezes de aconchego, às vezes de repulsa. Depois de muito andar e de conhecer tanta gente, indivíduos com a vida agora semelhante à que ela vinha tendo. Alice encontra uma das duas que acabam se tornando seus alicerces. O primeiro denominado de Arthuro ao qual a mesma apelidou carinhosamente de Chapeleiro Maluco.

atravessaram minha cabeça, voando, essas conversas, os companheiros e ‘compañeros’, eram tantos! De toda parte sem fronteiras naqueles anos, enquanto eu olhava espantada o homem alto e magro, barba e cabelos compridos, grisalhos, chapéu andino tecido de lã colorida, me segurando pelacintura. Ele não se desculpou, só disse, acalmando-me como se falasse com uma criança: ‘Siéntate aqui, senta, tu bai cair más adelante se no senta’ Eu mesentei e fiquei, no chão debaixo da arcada, Barbie! Não posso garantir se foi cansaço mesmo, só a desistência de continuar me arrastando pela rua àquela. (REZENDE, 2000, p.222)

Nota-se desde o primeiro contato o cuidado de Arthuro com Alice. Nesta noite, Alice consegue dormir pela primeira vez de verdade quase a noite toda. No outro dia, quando começa a clarear, lá estava o chapeleiro maluco a chamando e apontando para uma van com jovens que vinham dar café da manhã para os moradores de rua. Desde seu primeiro momento com essa nova desconhecida e também supostamente moradora de rua, o chapeleiro se dispõe a ajudá-la. “Quem era Arthuro? (...) Montonero na juventude, os ‘compañeros’ desaparecidos, caindo mortos rente a ele, sem documentos nem contatos, o desatino, Porto Alegre, a rua como destino, quisera ser poeta.”(REZENDE,2014 p. 227). Podemos enfim classificar Arthuro como um personagem denominado adjuvante, que segundo Beth Brait (2000, p. 50) trata-se de “um personagem auxiliar; ajuda ou impulsiona uma das outras forças”, já que o mesmo ajuda Alice nesse processo em que ela se encontra de certa forma “perdida” em si mesma e pelas ruas de Porto Alegre.

Ainda perambulando pelas ruas, Alice conhece Lola, uma senhora que aparentava ser mais velha que ela, alguém a quem ela identifica-se:

Lola de pé, curvada sobre seu carrinho, resmungando e remexendo em seus trapos, Vem, tem banho se tu quiser, e sabão te empresto hoje, amanhã tu arranja o teu. [...] nenhuma de nós duas ligando a mínima pros olhares enviesados que nos cercavam. Tu vem todo dia dormir aqui, tu é direita, tu pode, aprende o caminho (REZENDE, 2000, p. 231).

Através desse encontro com Lola percebemos Alice adentrar em um ambiente “comum”, compartilhando igualdade com uma mulher na qual ela se reconhecia através dela, tão semelhante de si, mas ao mesmo tempo com uma vivência tão diferente.

Busquei Lola na pracinha, não estava, o sol já fora, arrastei-me até a casa dela,ela ainda não tinha chegado, deixei-me ficar arriada no degrau do portão, sempensar em mais nada. Um puxão na manga do casaco vermelho me despertou,no escuro, zonga, o barulho do cadeado e da corrente, o portão rangendo, a voz de Lola, basta, tu não aguenta mais, tu não precisa disso, tu vai voltar paratua vida que a gente também não precisa de mais uma na rua, à toa. (REZENDE, 2000, p.245)

Lola, uma das moradoras de rua que Alice encontra e que representa uma enorme importância, fazendo com que Alice tome consciência e retome ao seu apartamento, pode ser classificada como personagem árbitro/juiz, que, segundo Beth Brait (2000, p. 50), significa “personagem que intervém em uma ação conflitual a fim de resolvê-la”, ou seja, trata-se de um personagem que finaliza o conflito que foi gerado/criado. É nesse momento que Alice deixa seu orgulho de lado e resolve voltar para seu apartamento.

6. CAMINHANDO ENTRE TERRITÓRIOS

6.1 POR ENTRE TERRITÓRIOS: A QUESTÃO DO DESENRAIZAMENTO

Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende, recebeu o prêmio Jabuti, eleito como o melhor romance de 2015. Trata-se de uma ficção que retrata a migração dos nordestinos que por algum motivo se deslocam para o Sul do país. De certa forma, essa temática retrata o que se pode denominar de “perda”, perdas de identidades de pessoas em que a vida os obriga a se deslocar/mudar, tendo que se desprender de coisas que construíram ao longo de suas vidas, suas raízes.

Esse desenraizamento é tratado como um processo que desconecta o sujeito de suas raízes, cultura, tradições e afetando até mesmo a sua identidade. Isso acontece por várias razões, incluindo a mudança forçada de ambiente como acontece na narrativa, esse desenraizamento forçado pode causar problemas mentais incluindo depressão, estresse e exclusão social. Na obra *O enraizamento* WIEL, menciona que os desenraizados

não teriam senão dois comportamentos possíveis: ou caem numa inércia da alma quase equivalente à morte, [...] ou se jogam numa atividade que tende sempre a desenraizar, frequentemente pelos métodos mais violentos, aqueles que ainda não o estão ou não o estão senão em parte (WEIL, 2001, p. 46-47).

Nota-se que essa retirada de um indivíduo para um outro ambiente totalmente desconhecido vai muito além de apenas um lugar novo, mas trata-se de algo que meche com o indivíduo de forma direta e indiretamente. Nesse sentido o sujeito necessita buscar maneiras para suavizar a perda que está sofrendo, é nesse momento em que se busca se reconectar com as raízes e a cultura de origem.

Alice, narradora e protagonista é quem nos apresenta essas histórias que a autora descreve nas páginas do romance. Uma mulher já madura, professora e mãe que acaba se mudando contra sua vontade para o Sul do país, para auxiliar a filha em seu desejo de ser mãe, Já que Norinha acreditava que isso só poderia se realizar com a sua presença, para que pudesse lhe ajudar. Dessa maneira Alice teria de se mudar e se tornar cuidadora e avó em uma nova cidade, totalmente desconhecida, algo que fugia completamente de seus planos para o futuro. (...)eu, peão movido pela mão de outra pessoa, uma rainha louca com a cara da minha filha passando, num átimo, pela minha imaginação. (REZENDE, 2014, p. 27)

Alice mostra que ter que largar tudo e se mudar para uma cidade longe de sua Paraíba com a finalidade de se tornar avó “profissional” não estava em seus planos, e isso é notório em

vários trechos de sua narrativa. Podemos observar essa questão no fragmento: “Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó. Eu, de cara, disse não, eu não queria me mudar pra Porto Alegre. (REZENDE, 2014, p. 26).

Depois de uma enorme insistência de sua filha e de todas as pessoas ao seu redor, Alice passa a se ver sem saída e acaba aos poucos cedendo a todas as chantagens emocionais. Depois de tanto tentar ser forte e resistir a tudo aquilo, com o tempo ela se deixa vencer pelo cansaço. É aí então que Alice larga tudo que tinha para trás a fim de realizar o que sua filha tanto queria.

Enquanto ali se desmontava minha cabeça, minha casa, minha vida, cá no Sul, Norinha montava, à maneira dela, ao gosto dela, o que eu havia de ter e ser no futuro próximo. [...] Vida nova!, essa velharia fica toda aqui e a senhora embarca comigo no fim de julho (REZENDE, 2014, p. 37)

Assim que Alice está a caminho para o Sul, ela já fica extremamente triste em ter cedido às vontades de sua filha e ter largado todos os planos que ela criara para sua vida. Já em sua chegada, Alice solicita que o porteiro procure uma diarista para seu apartamento, e é a partir dessa busca que conhecemos outra personagem de *Quarenta dias* que, assim como Alice, estava muito longe de casa. Depois de algumas diaristas recusarem a proposta, ao perceberem que Alice era “diferente”, no sentido de identificarem um dialeto que a denunciava como sendo de uma outra região. Em meio a essa busca, surge uma diarista chamada Milena, que, através do seu marido, veio para Porto Alegre atrás de melhorias, mas infelizmente as coisas não saíram como planejado:

O marido, bom sanfoneiro, veio trazido pelo gaúcho, dono de uma rede de churrascarias em tudo quanto é canto do Nordeste, com a ideia de abrir também uma rede de casas de forró, a começar por aqui. No início a coisa pareceu que ia dar certo, Atílio, o marido, feliz de largar a enxada e fazer do divertimento uma profissão, um salário certo só pra tocar sanfona!, a carteira a ser assinada logo que o negócio começasse a dar ganho, gostou, quis ficar, mandou chamar a mulher e os dois meninos pequenos [...] depois de um ano e meio, resolveu que um sistema de alto-falante e um toca-discos qualquer pra gaúcho dançar forró estava bom demais, não sabe?, não precisava esse luxo de conjunto de forrozeiro pé de serra ao vivo. Atílio dispensado, sem carteira assinada, sem direito nenhum, nem dinheiro das passagens dele mesmo e da família, da Bahia até aqui [...] (REZENDE, 2014, p. 67)

Milena é apenas a primeira “companhia da minha própria espécie” (REZENDE, p. 67), como mencionado por Alice. Através da história de Milena, podemos relacionar a vivência da personagem às de tantos outros retirantes que suas pequenas cidades no Nordeste com a esperança de conseguir crescer na vida alcançando seus objetivos proporcionando algo melhor para sua família. Porém, as realidades por diversas vezes fecham as portas, e ali, onde poderiam recomeçar essa vida, passam a ter ainda mais dificuldades, sem empregos e sem ter como poder voltar, os deixando em uma prisão sem grades.

Mesmo após alguns dias em seu apartamento, Alice ainda não conseguia o chamar de lar ou se sentir em casa de verdade. Nesse momento, sua filha a chama para uma visita, e é aí que ela revela à sua mãe que irá passar seis meses na Europa. Isso faz com que a raiva de Alice em relação a toda a situação de mudança de cidade e de vida cresça. Como uma forma de resiliência e de fugir de tudo aquilo em que agora seria a sua vida, Alice decide tomar uma atitude, como podemos observar no trecho a seguir:

Quando clareou, acordei com um plano na cabeça, plano de defesa cerrada. Vesti-me de qualquer jeito, peguei uma maleta, pendurei num braço um casaco pesado, esperei um pouco, até depois das seis da manhã, que o porteiro do dia já tivesse chegado, desci pelo elevador social, atravessei o saguão arrastando devagar a maleta de rodinhas como se estivesse cheia e pesada, bom dia, Seo Jerônimo, é muito cedo pra ligar pra minha filha, se ela aparecer explique, por favor, que resolvi ir pra Jaguarão, ficar uns dias com uma antigacolega que agora mora lá, que o chip do meu celular estragou-se, que ligo pra ela logo que comprar outro, que não se preocupe. (REZENDE, 2014, p. 84)

É nesse momento que Alice decide fugir de tudo aquilo, momento exato em que ela decide procurar por Cícero Araújo. Cícero Araújo é um nordestino que foi de João Pessoa para Porto Alegre, e que acabou não dando mais notícias à sua mãe. Então, Alice só tinha um nome e uma eterna vontade de fugir daquela realidade implantada pela sua filha.

Um rumo vago. Que eu seguiria se quisesse. Talvez tenha sido o nome estranho do lugar que me despertou da letargia. Talvez, tenha sido, sem que eu percebesse, a dor da outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que não conheço atrás do rastro borrado de alguém que eu nunca vi (REZENDE, 2014, p. 92).

A protagonista mesmo que de forma compulsória, em sua “fuga”, passa por um processo de desterritorialização, já que ela passa por um seguimento de quebra de vínculos e uma “perda” de território quando se encontra afastada do seu lugar de origem. O que acaba também implicando em um outro processo que podemos denominar de reterritorialização, quando ela

se ver recuperando um pouco do que tinha deixado para trás, ou seja, ela passa a criar raízes em um novo lugar. Ambos processos podem gerar impactos significativos na forma como essas pessoas vivem. Enquanto a desterritorialização pode levar à exclusão de comunidades e locais e à perda de identidade cultural, a reterritorialização pode contribuir para a revitalização de comunidades e novas tradições culturais.

Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 22)

Alice então retira o telefone de seu apartamento do gancho e sai sem rumo: “Saí, em busca de Cicero Araújo ou sei lá de quê” (REZENDE, p. 95). A única coisa que Alice sabia era seu nome e o último lugar onde Cicero possivelmente estivera, a “Vila Maria Degolada”. Então, assim fez, foi andando e repetindo o nome da vila para que não esquecesse em seu caminho. Logo adiante, Alice sai pedindo informações para conseguir chegar a essa tal Vila, vai assim em seu caminho perguntando e seguindo em frente até chegar a uma parada de ônibus. É nesse momento que se percebe um receio que a protagonista já estava sentindo depois de tantos olhares tortos e de julgamentos. “Segui até a esquina e atravessei na faixa. Outro ponto de ônibus, só uma mulher esperando e fiquei aliviada, seria brasileira como eu? era negra, não era dali não ia me olhar de modo estranho.” (REZENDE, 2014, p. 98)

Logo ao conversar com ela, Alice percebe que era sim dali, pede informação e descobre que aquele ônibus a deixaria próxima ao seu destino. Entra no ônibus e segue em frente até tomar coragem para perguntar se já havia chegado. A autora, Maria Valéria Rezende ainda de forma indireta, mostra o receio que Alice sentia ao falar com alguém nas ruas, receio de ser julgada, maltratada, apenas por não ser dali.

Tomei coragem, me curvei para frente e perguntei ao motorista mal-encarado, É a segunda parada. Quando virar a esquina já é a Bento. Não me perguntou nada sobre o pagamento da passagem, ninguém reparava em mim, talvez efeito dos meus cabelos que teimo em deixar grisalhos apesar da insistência incansável de Elizete, Credo, Alice, que desleixo! nem parece que você é uma mulher inteligente e estudada, acha certo parecer uma velha bem antes mesmo de entrar nos sessenta? (...) (REZENDE, 2014, p. 99)

É também nesse fragmento que reforçamos aquilo que tínhamos discutido anteriormente, a forma como a velhice fazia as pessoas verem Alice. Percebe-se nesse momento que as pessoas passam a ter um preconceito já de cara quando veem alguém de mais idade e

cabelos grisalhos, como se esse cabelo fosse tido apenas como desleixo, ignorando a pessoa culta e inteligente que de fato Alice era, para a observarem apenas como uma senhora que não se cuidava.

Ao longo desse percurso, Alice acaba de certa forma tentando buscar pessoas que se assemelham cada vez mais com pessoas de sua terra. Pessoas que pudessem ser supostamente brasileiras como ela, conseqüentemente para fugir de preconceitos. Essa atitude de Alice se trata de algo bem comum com o nordestino, quando ele parte para o sul, E isso se explica pelo discurso de que o Sul seria a parte superior ao Nordeste. Vale ressaltar que essa afirmação é apenas baseada por alguns, devido a região Sul apresentar um desenvolvimento econômico maior em comparação ao Nordeste. Além de fatores como a presença de empresas multinacionais e a diversidade econômica, o que inclui setores de agricultura, pecuária e turismo. Esses fatores contribuem para o crescimento da região, o que faz algumas pessoas acreditarem na superioridade. Albuquerque Junior em *A invenção do Nordeste e outras artes* (2009, p. 31) menciona “Nós, os nordestinos, costumamos nos colocar como os constantes derrotados, como o outro lado do poder do Sul, que nos oprime, discrimina e explora”. O que de certa maneira acaba sendo uma triste realidade, já que é comum vermos um nordestino ser julgado apenas pelo lugar de origem, como alguém que passe fome, de inteligência inferior, e alguém simplesmente sem educação.

“Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Mas essa experiência raramente acontece fora dos pólos submissão-domínio. A cultura dominada perde os materiais de expressar sua originalidade” (WIEL, 2004, p16)

Diante dessa fala de Simone Weil podemos compreender ainda mais de perto como acontece essa relação entre as duas regiões e como o Nordestino ao está longe de “casa” acaba de certa forma longe de toda sua originalidade. Entretanto, mesmo com esses estereótipos salienta-se que o Nordeste também possui características culturais únicas e importantes para formação da identidade brasileira, como a literatura, música, culinária dentre outras. Além disso, o Nordeste possui um enorme potencial econômico.

Ao chegar na Vila Maria Degolada, Alice vê algumas mulheres sentadas na porta de casa conversando e logo se aproxima delas. E então nesse momento, ela pergunta sobre Cícero Araújo, e infelizmente não recebe nenhum sinal. Alice então intensifica a história, dando foco no sofrimento da mãe para que elas a ajudassem. As mulheres então mencionam que ali tinha alguém que também era de ‘Lá’. Esse lugar em que elas mencionavam não se tratava

propriamente do estado de onde Alice vinha. Para elas, todos os lugares do Nordeste eram um só, como um enorme espaço sem divisões. Podemos observar isso, quando Alice aponta, no trecho a seguir:

Eu, confundida de todo, querendo explicar que era Paraíba, nada a ver com Recife, Fortaleza, Bahia, Minas, que Cícero era brasileiro feito eu, que trabalhava em obra de construção, mas foi inútil, pois então, não é isso mesmo, de lá? ‘Lá’ parecia ser vago território homogêneo que cobria tudo o que acima do Trópico de Capricórnio. (REZENDE, p. 110)

Nesse contexto, percebemos que a visão sobre o Nordeste e o nordestino se torna limitada, como se esses indivíduos e sua região fossem apenas um único lugar. Albuquerque Junior (2009, p. 32) menciona que “a região se tornou uma problemática, que práticas discursivas e não-discursivas fizeram esta questão emergir e a constituíram como objeto para o pensamento.” Ou seja, quando se é falado em Nordeste, a visão que se tem desse espaço já é algo que está construído na cabeça do outro através de discursos que foram repassados. É como se, independente de qual parte do Nordeste as pessoas possam vir, os costumes seriam os mesmos, e tudo fizesse parte de um pequeno e limitado território.

O imigrante Nordestino é um sujeito que deixa sua cidade e estado natal no Nordeste para morar e trabalhar em outras regiões do Brasil. Essa migração pode ser motivada pela busca de melhores condições de vida, emprego e até mesmo acesso a serviços básicos. Esses imigrantes Nordestinos contribuem muito para o desenvolvimento de várias regiões do país, levando habilidades profissionais que passam a ser valorizadas em vários lugares do Brasil. Conforme Silva (2006, p. 2) “Quem migra leva consigo sonhos de uma vida melhor para si e suas famílias, de obter sucesso econômico rápido e regressar vitorioso, o quanto antes, à sua terra natal.”

No entanto, o imigrante Nordestino também acaba sofrendo muitos preconceitos é longe de casa que essas pessoas acabam tendo de lidar com a xenofobia simplesmente por que outras pessoas acreditam que a única forma de falar correto fugiria completamente dialeto nordestino. Como também mencionado anteriormente algumas pessoas do Sul acabam tendo a ilusão de que o Sul seria em todas as questões principalmente socioeconômicas é superior ao Nordeste, o que afeta diretamente no alto nível de preconceito que o nordestino sofre ao se deslocar da sua terra natal. Observa-se no estudo “A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro”

[...] a migração traz consequências de rejeição e discriminação e que o imaginário dos habitantes das diferentes regiões do país com relação às demais

funciona de um modo semelhante ao que caracteriza a relação entre os países dos Hemisférios Norte e Sul: o Nordeste para o paulistano é o lugar do repouso, do sonho, da indolência, assim como o Brasil para os europeus; São Paulo para o nordestino é o lugar do trabalho, do futuro, da tecnologia, estereótipos que permanecem na memória discursiva e afloram nas atitudes do dia-a-dia. (CORACINI, Maria Jose, p. 35, 2003)

Ainda sobre a relação desses Nordestinos que vão para outras cidades e acabam não voltando ao Nordeste, a protagonista continua encontrando histórias como a de Cícero, e percebe que esses casos são mais comuns do que ela já pudera imaginar. Podemos notar a semelhança que Maria Valeria Rezende busca demonstrar em seu livro, uma semelhança de um fato de migrantes que não existe apenas na ficção e que vai além do que a literatura tenta transpassar, podemos observar em “Migrantes e migrações: entre a história e a literatura”

A condição do migrante indicia aspectos paradoxais tanto no âmbito do real quanto do ficcional. Sabe-se que a movimentação, a errância, a migração, o nomadismo não é característica somente deste século, do território brasileiro, da realidade ou da ficção. É um fenômeno que já atravessou os espaços temporais e geográficos ocupados pela humanidade. Isso pode ser constatado tanto na narrativa histórica quanto na narrativa ficcional (DE CAMPOS, Luciene Lemos; RODRIGUES, Luciano, p. 45)

Então é através dessas vivências que Alice em que ela nos mostra histórias de novas pessoas que simplesmente param de dar notícias à sua família, que acabam criando uma nova vida e esquecendo o que haviam deixado para trás. Podemos observar no trecho quando Alice ressalta “Ela não se espantou, Tem mesmo muito rapaz do Nordeste que vem pra cá com as construtoras e às vezes não da notícia, à toa, fica distraído com trabalho, namoro, futebol e esquece de ligar, vai deixando pra depois... Feito meu primo, que está por aqui também e é solteiro...” (REZENDE, 2014, p. 130)

Uma outra questão que a autora nos apresenta através dessa busca de Alice é a perda de identidade que esses trabalhadores acabam sofrendo quando chegam ao Sul, muitos recebem apelidos, e, ali já não são mais “Cícero Araújo”.

Eu mesmo, se procurar pelo Ronaldo do Nascimento, ninguém sabe quem é, mas se perguntar pelo Ceará da Rede, aí qualquer um sabe, aqui pelo Partenoninteiro, a Vila São José, então nem se fala, subindo pra lá do Campo da Tuca, qualquer um beco, até a Rua do Mato, e por ai vai. Se ele morar pra cá da Bento, é comigo mesmo. Até em outros cantos, que eu rodo vendendo rede por aí tudo, mas sem saber o apelido... Não seria Paraíba mesmo, o apelido?, perguntei. Iiiich!, tem mais de mil deles pelos alojamentos. (REZENDE, 2014, p. 131)

Quando uma pessoa “perde” seu nome ela acaba passando por uma perda significativa. Já que o nome é uma parte fundamental da nossa identidade, já que é através do nosso nome

que somos reconhecidos e identificados pelos outros. Quando o perdemos, perdemos além de nosso nome, mas também uma parte de nossa história e bagagem pessoal, além de tudo que nos conecta a quem éramos anteriormente. Essa perda pode ser ainda mais significativa para essas pessoas que carregam consigo uma parte de sua cultura ou história familiar como foi o caso do personagem chamado Cícero Araújo.

Vale salientar que a perda do nome pode levar a desconexão com o que era e precisa-se de tempo até se ajustar e reconstruir sua identidade em torno de um novo nome/apelido como acontece com alguns desses emigrantes. É importante também se ter em mente que a identidade é um processo em constante evolução e que, mesmo diante de uma mudança a essência de quem somos permanece a mesma em inúmeros casos.

Essa é uma característica muito comum, e que acontece nos dias atuais. Geralmente, como observado na obra, o apelido se dá de acordo com a região ou uma característica de onde o indivíduo vem, deixando de ser conhecido pelo nome. Essas são apenas algumas das várias histórias que são relatadas através da obra. A partir dela, nos conectamos com a representação do que acontece no Sul do país em contextos onde o emigrante se encontra, e que por muitas vezes acabamos não tendo conta de sua dimensão. Perdem-se com o tempo, e em meio ao tempo, dando espaços apenas para saudade de familiares. Ou seja, muitas dessas pessoas acabam sumindo das vidas de suas famílias dando espaço apenas para saudade e vazio ao qual permanece em seu lugar, muitos não fazem propositalmente, mas o tempo faz com que esses emigrantes não voltem e se percam em meio ao tempo os separando gradativamente daqueles que ficaram.

6.2 O NORDESTINO E O PRECONCEITO ENCONTRADO NO SUL

A chegada do Nordeste ao Sul sempre acarretou alguns preconceitos. Desde a criação do Nordeste, foi-se imaginado um discurso que o Sul seria superior, e isso permeia do nível intelectual até mesmo a forma de falar. Isso, na maior parte dos casos de preconceito e xenofobia, se dá a partir do modo como o Nordeste é representado para o restante do país. Como afirma Raquel de Queiroz, “a mídia tem olho torto quando se trata de mostrar o ‘Nordeste’, pois eles só querem a miséria.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p. 7).

Muitas dessas pessoas que têm uma visão distorcida do Nordeste nunca o conheceram além das telas televisivas e apenas reproduzem o que a mídia mostra. Um lugar que só se vê

seca, sofrimento e fome. Quando, na verdade, essas características não definem e muito menos predominam o território. O autor Albuquerque Junior (2009, p. 31) fala que:

Não se combate à discriminação simplesmente tentando inverter de direção o discurso discriminatório. Não é procurando mostrar quem mente e quem diz a verdade, pois se passa a formular um discurso que parte da premissa de que o discriminado tem uma verdade a ser revelada. Assumir a ‘nordestinidade’, como quer Raquel, e pedir aos sulistas que revejam seu discurso sobre o nordestino, porque ele é errado, por ter nascido de um desconhecimento ao nordestino verdadeiro, vai apenas ler o discurso da discriminação com o sinal trocado, mas a ele permanece preso.

Observamos na fala de Raquel (1908-2003) que foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, e é considerada uma das maiores escritoras da literatura brasileira, menciona a necessidade de que os sulistas revejam seus discursos, já que esses discursos partem de pessoas que desconhecem de fato a região, que a grande massa nunca esteve em terras nordestinas para falar com tanta certeza. Algo que chama muito a atenção é que pessoas que conhecem o Nordeste apenas através da mídia acabam se surpreendendo quando resolvem conhecer o lugar e ver aquilo que não foi mostrado na tv. Não existe culpado, existe uma “cultura” discriminatória que precisa de alguma forma chegar ao fim. Como é reforçado em *A invenção do nordeste e outras artes*”. Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 35) O Nordeste é tomado por signos que os descrevem buscando caracterizar um povo, mas sabemos que muitas vezes nunca se é retratado de forma completa e fiel ao território, mostrando todos os lados que o caracteriza.

Esses signos que são relacionados ao Nordeste muitas vezes acabam sendo a seca, um cacto, a fome, a miséria, o que acaba ressaltando o preconceito que é implantado. Através desse recorte do todo, o resto do país tenta julgar um meio ao qual não conhece de fato. A região tem sim algumas dessas características, mas não se resume a elas, e muito menos representa a região por completo deixando totalmente de lado as belezas e o povo. Como reforça Albuquerque (2009, p. 35)

É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é neles que as totalidades se fracionam, que as partes não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo todo uma invenção a partir desses fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo, em que o espaço é um quadrado definido por algumas pinceladas.

Nota-se então que nesse momento o autor reforça o que se vem discutindo aqui, muitos desses discursos que são espalhados e inventados surgem através de pinceladas do que se deveria conhecer da região, o que de certa forma não consegue abarcar e nem explorar o todo, o Nordeste passa então a ser descrito tendo como base o pouco que se conhece e se ouve falar, o que faz com que a região seja conhecida por pequenas partes de um grande quebra cabeças, ou seja, quando se descreve determinada região apenas em 1% se esquece que ela vai além e tem em si mais do que conhece, o que leva essa região ser reconhecida de maneira não leal e à mercê de uma sociedade preconceituosa.

Um outro questionamento que os Nordestinos se deparam em sua chegada ao Sul é ao que chamamos de xenofobia, que se trata de um preconceito relacionado à sua maneira de linguagem. Observamos nos dias atuais que a xenofobia pode ser expressa através do preconceito e até mesmo chegando à violência contra pessoas de outras culturas, nacionalidades e etnia. Esse preconceito nasce ainda em cima do discurso de superioridade de uma cultura para outra. “A xenofobia é uma doença social que deve ser curada através da educação e da empatia.” (MANDELA, N.).

Como mencionado por Niedson Mandela uma das formas de se tentar parar com a xenofobia é através da educação e é trabalhando sobre o assunto e trazendo esses relatos para o mundo educacional para que os discentes consigam entender que o diferente não é errado, que somos um país de diversidade e que devemos aprender com cada uma delas.

6.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Maria Valéria Rezende descreve em suas páginas alguns momentos que Alice passa em relação às particularidades na fala, já que sabemos e temos consciência que a fala muda de região para região o que acaba por vezes se tornando até mesmo um dialeto diferente do habitual.

Uma língua é uma representação da cultura, história e valores de uma nação e de uma determinada população. É por meio dela que o falante se comunica e interage não apenas com características pessoais em seu dialeto, mas também com as características linguísticas e culturais dos grupos sociais e lugares discursivos em que se escreve. Bechara (1989, p. 15) traz uma definição importante: “uma língua histórica não é um sistema homogêneo e unitário, mas sim um diassistema, que abarca diversas realidades diatópicas (isto é, a diversidade de nível social) e diafásicas (isto é, a diversidade de estilos de língua)”.

Sabe-se que no nosso país temos uma grande variedade linguística que se dá e acordo com a região em que se está inserido, e não seria diferente no romance de Maria Valéria Rezende. Ao chegar em Porto Alegre e iniciar sua busca por Cícero Araújo, acompanhamos algumas situações vividas por que Alice, dando de cara com essa variação, o que por vezes a deixa até sem graça, como podemos ver no trecho “Então, inacreditável! o homem que ali atendia me lançou gratuitamente uma ofensa safada: Está com fome?, quer um cacetinho? Fiquei estatelada: Como? por mais que eu pudesse lhe parecer desprezível, nada explicava uma grosseria daquela” (REZENDE, 2014, p. 16)

Nesse momento, Alice se vê perdida e sem entender o que estava acontecendo naquele instante, até que depois de alguns minutos paralisada, entende finalmente que aquela variação, que para ela seria um insulto, é apenas a forma como no Sul era conhecido o pão: “Salvou-me a senhora que passou à minha frente, encostou-se ao balcão e pediu Tu me vê ai meia dúzia de cacetinhos bem assados.” (REZENDE, 2014, p. 160). É muito importante observar essas situações no enredo. Não existe um falante que fala certo ou errado, o que existe são variações que acontecem de acordo com o lugar em que se está inserido, e que fora dessa “bolha” e do que se conhece existem lugares que denominam de uma forma diferente da que se tinha conhecimento, dessa maneira um único objeto pode receber várias denominações. Isso ocorre porque a língua é um fenômeno cultural que está ligado à tradição de cada lugar sabe-se também que essas variações linguísticas podem ser influenciadas pela origem da palavra, a história e a influência de outros idiomas.

GERALDI (1997, p.49) em *O texto na sala de aula*, ressalta que “a variação é vista como desvio, deturpação de um protótipo. Quem fala diferente fala errado”. Assim, é natural entendermos que esse pensamento dá abertura para preconceitos e, por isso, se torna ainda maior a importância de discutir o respeito às variedades linguísticas do Brasil, inclusive para se construir uma sociedade menos desigual.

7. A ESCRITA DO DIÁRIO EM QUARENTA DIAS

7.1 BARBIE E UM MUNDO (IM)PERFEITO

Logo no início da narrativa, nos deparamos com a Barbie, não sendo por acaso que a protagonista tenha como interlocutora justamente a boneca Barbie. Essa escolha peculiar da autora proporciona uma dinâmica única e revela camadas mais profundas da narrativa. Analisando o significado simbólico dessa relação na obra, não podemos deixar de ressaltar que a Barbie é um ícone cultural reconhecido internacionalmente, símbolo da feminilidade e dos estereótipos de beleza. Ao incorporar essa personagem tão conhecida, Maria Valéria Rezende cria uma tensão entre o imaginário coletivo associado à Barbie e à realidade da personagem Alice, permitindo reflexões sobre identidade, padrões estéticos e o papel da mulher na sociedade.

Nasce uma dualidade entre aparência e essência. Ao longo do livro, Barbie representa a materialização da aparência e dos estereótipos de perfeição, enquanto Alice é uma personagem mais complexa, com anseios, questionamentos e uma busca por sua verdadeira identidade. Essa dualidade entre a superficialidade da Barbie e a profundidade de Alice coloca em xeque as expectativas sociais e estimula uma reflexão sobre o que realmente importa na constituição subjetiva e identitária de uma pessoa.

Quando partimos para o diálogo entre o real e o imaginário na obra literária em questão, levamos em consideração que a presença de Barbie como interlocutora de Alice cria um diálogo entre o mundo real e o imaginário, desafiando os limites da racionalidade. Essa relação possibilita que Alice expresse seus pensamentos e conflitos internos, proporcionando uma oportunidade para a autora explorar temas como solidão, amizade, autoaceitação e autoconhecimento. Observa-se essa questão acima no trecho a seguir: “Desculpe, Barbie, não lhe dei bastante tempo pra descansar, que eu mesma não quero descansar, eu quero é entender ou desistir de entender de uma vez por todas. Escrever para entender ou esquecer...” (REZENDE, 2014, p. 45).

Ao inserir a Barbie como uma figura importante na história, a autora desafia os estereótipos de gênero associados a essa boneca, muitas vezes vinculada à futilidade e à superficialidade. Maria Valéria Rezende subverte essa percepção e, através da relação da interlocutora com Alice, apresenta uma reflexão sobre a construção de identidades femininas e

os padrões impostos pela sociedade em relação às mulheres: “Pra ela, Barbie, todas seríamos como você, já que tem a minha idade, não é? e não mudou de cara esse tempo todo... Por mim, tudo bem, fique na sua, há gosto pra tudo” (REZENDE, 2014, p. 99).

A Barbie como interlocutora de Alice também levanta questões sobre a representação do feminino na literatura e na sociedade. Essa presença paradoxalmente evidencia a necessidade de questionar e redefinir os papéis das mulheres, encorajando o empoderamento e a busca pela autonomia. Trata-se de uma personagem oriunda da capa de um caderno escolar que Alice acaba usando como diário. Por meio de sua escrita, a personagem protagonista e narradora nos conta tudo o que lhe acontece em seu percurso pelas ruas de Porto Alegre e também rememora o que passou em outras fases de sua vida. O site Escotilha, portal de jornalismo cultural que busca trazer reflexões mais abrangentes através de leituras culturais de temas e obras que nos cercam, menciona que:

Barbie representa a alienação de Norinha e outras mulheres e homens que desconhecem a realidade profunda do país em que vivem. As duas personagens fictícias evocadas, Barbie e Alice (de Alice no País das Maravilhas), são alienígenas ao universo dos moradores em situação de rua e dos excluídos da vida urbana.

Podemos compreender que Barbie seria o contrário daquilo que Alice viveria nos seus quarenta dias nas ruas. Aquela, elaborada socialmente como símbolo de algo que beira a perfeição e a beleza passa a dar espaço para o real de um mundo nada perfeito que seria a vida daqueles moradores de rua que até então eram invisíveis aos olhos de Alice e que viviam uma realidade totalmente oposta ao que ela conhecia e ao que a Barbie representava, ou seja, um mundo “perfeito” e sem falhas.

É através dos diálogos com essa interlocutora que nos damos conta da profundidade, bem como das ironias do destino, de tudo o que Alice vem nos apresentando na narrativa, já que ela acaba envolvida em um desenraizamento e estranhamento por estar em um lugar totalmente diferente daquilo que ela conhecia até então. Assim que Alice chega a Porto Alegre, ela se enquadra em uma classe média, e logo depois do choque que recebe após a notícia da filha de que iria viajar para o exterior, ela logo acaba se transformando em uma falsa moradora de rua, de maneira que não deixa transparecer que é diferente social e economicamente de todas aquelas pessoas em situação de rua, já que tinha um teto para onde voltar. Diferente ainda, justamente por não ser de fato uma moradora de rua e por não conhecer aquela vida a qual pessoas nessa situação viviam. Todavia, a personagem principal se mantinha ali, nessa ambiência, como forma de rebeldia e fuga.

“Pronto, “my friend”, viu que promovi você a “friend”, Barbie? Saí andando, pensando em tudo o que ainda preciso escrever pra não sentir mais aquele frio na barriga, aquele apherio que me dá quando me vejo de novo na rua, como se ela me agarrasse e não me quisesse mais largar, arrastando-me, rua-rio de novo.” (REZENDE, 2014, p. 65).

Nesse momento em que encara a realidade de frente, a protagonista toma consciência de um mundo que ainda é desconhecido e totalmente novo para ela. Éclea Bosi afirma que “O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças”. (BOSI, 2012, p. 198). Ou seja, esse deslocamento ao qual a vida nos obriga a ter, que, por diversas vezes, nos faz abandonar nossas raízes, acaba se tornando um dos maiores sofrimentos aos quais estamos condicionados a passar em algum momento de trânsito por diferentes espaços geográficos e afetivos.

Alice passa então a ser um ponto de contato com as histórias dos anônimos que ela acaba encontrando pelas ruas. Apesar de marginalizadas, essas pessoas têm um senso de humanidade ampliado, e acabam nem notando a pobreza artificial de Alice, que finge ser como uma delas para que consiga fugir da realidade “triste” que se colocou ao abandonar tudo para trás. Só quando encontra alguns desses anônimos, que possuem um nome e um passado próprios, é que Alice é resgatada de seu deserto existencial, confrontando a Porto Alegre das Barbies, e a suposta perfeição que está longe de tudo aquilo.

É só a partir disso que Alice percebe que Norinha e tantas outras pessoas, assim como ela mesma, acabam fechando os olhos para aquilo que está bem “abaixo do nosso nariz”. Acabamos esquecendo ou fingindo não existir essa dura realidade para que seja mais fácil “aguentar” a vida em sociedade. Então, a presença de Barbie na obra simboliza exatamente isso, a situação de tantas pessoas que sobrevivem em seus mundos, mas acabam esquecendo o outro. É através de algo tão simbólico que Alice nos mostra um problema social que precisa ser visto de perto: “Eu descobria que o mundo era feito em grande parte de gente desaparecida, gente que não deu mais notícia e gente desesperada atrás ou a esperar conformadamente pelos sumidos.” (REZENDE, 2014, p.118).

É comum observarmos a existência de uma bolha social, na qual indivíduos se fecham em sua própria realidade e acabam por esquecer daqueles que estão fora dela. Esta situação pode ser ainda mais evidente em casos de migração, em que nordestinos em busca de oportunidades no Sul acabam por se afastar de suas raízes e seus entes queridos, muitas vezes sem dar notícias àqueles que permanecem no Nordeste. É necessário, assim, compreender a

importância de manter laços afetivos e de solidariedade, mesmo em situações de distância física. Reforçando a necessidade de uma maior atenção direcionada às pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social, Nelson Mandela afirma que: “Uma nação deve ser julgada não pela forma como trata seus cidadãos com melhores condições de vida, mas sim pela forma como trata os que têm menos recursos”.

7.2 O APELO À ESCRITA EM QUARENTA DIAS

Um caderno antigo, com a boneca Barbie na capa, torna-se o único lugar de desabafo e de externalização, da frustração e da rebeldia da personagem principal. Sentimentos desenvolvidos por meio da escrita diarística que acompanha as reflexões de Alice em torno de tudo o que viveu. Essa escrita, por sua vez, é compartilhada com quem lê *Quarenta Dias*. Além de percebermos a complexidade da estrutura da obra, ficamos completamente envolvidos na narrativa da autora, que alterna trechos do diário com a narração de momentos recentes, vivenciados no tempo presente da narrativa, e da rememoração de vivências passadas da protagonista, deixando deliberadamente algumas páginas incompletas e, frases sem sinais de pontuação, como pontos finais. Essas questões formais figuram no texto de forma proposital, para que o leitor consiga se aproxima das percepções, do tempo e do contexto muitas das vezes confusos que a personagem está relatando.

Um exemplo disso é quando Alice, ao descrever uma lembrança de algo que viveu na rua, interrompe a narrativa bruscamente, nos levando a crer que algo a tocou e que precisaria de um tempo a mais para continuar contando esse acontecimento, deixando o leitor com a impressão de que aquele fato estaria sendo narrado em um diálogo informal presencialmente com a Barbie. “Chega por hoje Barbie. O resto que vem é pesado que só! Vou botar você para dormir, que não quero que vocês e esgote antes de eu ter dito tudo.” (REZENDE, 2014, p. 77).

Carlos Augusto Magalhães (2018), discute que:

A experiência caracteriza-se por ser a esfera na qual a memória acumula impressões, sensações, sentimentos, excitações que jamais se tornam conscientes e que, transmitidos ao inconsciente, deixam nele traços mnemônicos duráveis, isto é, recursos que facilitam a aquisição e a conservação da memória. A memória e a experiência são, assim, elementos preservadores das raízes e da identidade do ser. (MAGALHÃES, 2018, p. 106)

Essas conversas com a Barbie, que decora a capa do caderno, mostram a situação de uma personagem principal que se encontra deprimida e confusa, e que de alguma maneira busca conforto em sua escrita, descrevendo o alívio desses sentimentos até então desconhecidos, ao cruzar com outras figuras que passam em seu caminho, criaturas que vagam pela cidade, mas

que mantêm seus valores, sobretudo de gratidão. Reconhecemos que a “ruptura” com as limitações da escrita romanesca tradicional torna a obra *Quarenta Dias* ainda mais próxima da realidade encontrada por grupos sociais muito diferentes, como vemos na fala da personagem principal, quando expressa o que sente sobre todas as mudanças que está experimentando:

E aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mija e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fala e fode e fala e vende e fala e sangra e se vende e sonha e morre e ressuscita sem parar. (REZENDE, 2014, p. 14).

No trecho acima, notamos a ausência de vírgulas e uma série de frases marcadas pela repetição do conector “e”. O ritmo de aprendizagem torna-se mais dramático e dinâmico, fazendo com que as ações descritas sejam matematicamente enfatizadas, e esse é um jogo de “cintura” que a autora utiliza aproximando seu texto ainda mais da escrita confessional de um diário, nos conectando mais e mais com os sentimentos da protagonista naquele determinado momento. Na criação do texto em si, podemos ver as especificidades do mesmo, sem apresentar a divisão de capítulos bem definidos e, em muitos casos, as distorções quanto ao desenvolvimento das ideias e a sequência dos fatos.

A literatura que representa uma certa resistência aos acontecimentos vem para mostrar experiências vividas e observadas durante um momento mais difícil na vida do escritor. O poeta e contista Pedro Tierra (2019) menciona que:

Por isso a criação literária adquire uma dimensão de testemunho histórico que os memorandos burocráticos não alcançam. Assim, a responsabilidade e o compromisso do escritor com o que escreve assumem uma condição definidora de sua própria existência como agente social e como artista. (TIERRA, 2019, p.19).

A maneira com a qual a obra *Quarenta Dias* é escrita significa muito e se assemelha a um diário, de forma que o leitor possa se sentir de fato junto às emoções descritas pela protagonista. Ao longo de suas páginas, nos deparamos também com pequenos “panfletos” que serviram para Alice como suportes de anotação enquanto estava pelas ruas. Essas figuras, reproduzidas entre as páginas do livro, e inventadas por Maria Valéria Rezende, fazem com que nos aproximemos mais dessas experiências vividas durante os quarenta dias que Alice perambulou pela cidade de Porto Alegre. É através dessas pequenas imagens que a autora deixa o livro ainda mais íntimo, como de fato seria o diário de sua personagem principal denominada Alice. Como se esses panfletos com anotações de fato estivessem guardados entre as folhas do diário.

7.3 OS SENTIDOS DA LITERATURA E DA ESCRITA EM QUARENTA DIAS

No romance “*Quarenta Dias*” da escritora Maria Valéria Rezende, a escrita e a literatura desempenham um papel significativo na vida da personagem Alice. Através da escrita e da leitura, Alice encontra uma forma de expressão e descoberta pessoal, que a ajuda a enfrentar os desafios de sua vida cotidiana e a lidar com as transformações pelas quais passa. Observamos a atribuição desses valores em trechos como o a seguir:

Pensando bem, Barbie, parece que a rotina de escrever é o que agora está mesmo me fazendo bem, mas acho que tenho de parar com isso um pouco. Preciso comer direito, e não é justo que a pobre da Milena, com quem estou em dívida moral e financeira, amanhã, quando chegar, ainda tenha de ir fazer compras no supermercado. (REZENDE, 2014, p. 63).

Inicialmente, Alice é uma mulher simples, de origem humilde, que trabalha como professora. No entanto, ela tem um desejo profundo de aprender e descobrir mais sobre o mundo ao seu redor. Através da leitura de livros, Alice se envolve com a literatura e mergulha em histórias e conhecimentos que a transportam para além de sua realidade imediata. Essa imersão literária expande sua visão de mundo e a inspira a questionar as desigualdades sociais e os problemas enfrentados pelas pessoas ao seu redor. Em sua vivência pelas ruas da capital Porto Alegre, os livros não deixam de fazer parte de seu cotidiano: “Entreí, sem razão, arrastando já comigo um pacote grande de livros de 1,99. Ali não poderia haver nada daquela qualidade por preço menor.” (REZENDE, 2014, p. 176).

A escrita também desempenha um papel fundamental para Alice. Ela descobre que pode usá-la como uma forma de expressar suas próprias ideias e emoções, além de refletir sobre suas experiências. Alice começa a escrever cartas, diários e até mesmo pequenos contos, usando a escrita como um meio de se auto descobrir e compartilhar suas reflexões com os outros. A escrita se torna uma ferramenta poderosa para Alice reafirmar sua identidade e encontrar sua voz.

À medida que a história se desenrola, Alice passa por uma jornada de auto afirmação e empoderamento, e a escrita e a literatura desempenham um papel essencial nesse processo. Elas a ajudam a articular suas preocupações, a expressar suas aspirações e a encontrar forças para enfrentar os desafios que surgem em sua vida. Em suma, no romance “*Quarenta Dias*”, de Maria Valéria Rezende, a escrita e a literatura são ferramentas poderosas para a personagem Alice. Elas a ajudam a descobrir sua identidade, expressar suas emoções e conectar-se com o mundo ao seu redor. Através da escrita e da leitura, Alice encontra uma forma de autodescoberta, transformação e empoderamento, que molda sua jornada ao longo da história.

8. CONCLUSÃO

A literatura feminina, exemplificada pelo romance “*Quarenta Dias*”; de Maria Valéria Rezende, desempenha um papel crucial, no interior da literatura brasileira contemporânea, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por meio dessa forma de expressão artística, as vozes e perspectivas femininas são ampliadas, rompendo com o silenciamento histórico que as mulheres enfrentaram. A obra aborda questões importantes e atuais, desafiando estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade.

Ao trazer à tona essas questões, a literatura feminina contribui para a conscientização e a desconstrução de ideias limitantes, promovendo a empatia, a igualdade de gênero e o respeito mútuo. Ao valorizar e apreciar a literatura feminina, abrimos espaço para a diversidade de vozes e experiências, enriquecendo a cultura e fortalecendo os pilares de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. É importante destacar que a literatura feminina é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pois permite a ampliação das vozes e perspectivas que antes eram silenciadas. A obra *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende é um exemplo dessa literatura que traz à tona questões importantes e atuais e que contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Conclui-se que a forma como a obra *Quarenta dias* é escrita, simulando um diário e contendo figuras, é uma escolha acertada da autora Maria Valéria Rezende, que consegue transmitir a realidade de cada personagem presente na obra, que adquire a importância de reverberar a pluralidade de perfis, identidades e culturas que conformam o romance. Sua leitura torna-se emocionante e enriquecedora, nos fazendo refletir sobre a importância de procurarmos entender o lugar do outro, aprendendo a ter empatia em um mundo tão desigual e desafiador.

9. REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A. Adjective syntax and noun raising: word order asymmetries in the DP as the result of adjective distribution. **StudiaLinguistica**. 55(3) 2001, p.217-248. The editorial Board of StudiaLinguistica.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BARONA, A. Falar rural: é possível alterar uma tradição (?). **Revista da ABRALIN**, vol. 6, n.1, p. 95-110, jan./jun. 2007.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Editora Atica, 1985.

BOSQUE, I.; PICALLO, C. Postnominal adjectives in Spanish DPs. *J. Linguistics*, 32 (1996),p. 349-385. Cambridge UniversityPre.

CORACINI, Maria José. A celebração do outro na constituição da identidade. **Organon** , c. 17, não. 35 de 2003.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo:: 1990-2004. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 26, p. 13-71, 2005.

DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Cortez editora, 2021.

DE CAMPOS, Luciene Lemos; RODRIGUES, Luciano. Migrantes e migrações: entre a história e a literatura. **albuquerque: revista de história**, v. 3, n. 5, 2011.

FANINI, MICHELE ASMAR. " COMO FICOU CHATO SER MODERNA, SEREI ETERNA": LYGIA FAGUNDES TELLES, **O FEMINISMO E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. v. 9, n. 3, p. 143-160, 2010.

GERALDI, João Wanderley et al. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. Encontros e confrontos com a urbe multifacetada-uma leitura do conto “O telegrama de Ataxerxes” de Aníbal Machado. **Revista Cerrados**, v. 8, n. 9, p. 155-164, 1999

MANDELA, Nelson. Discurso de posse como presidente da África do Sul. 1994. Disponível em: <https://www.nelsonmandela.org/news/entry/inaugural-address>.

ROMANELLI, Marina. A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Produção Editorial)–Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, 2014.

SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos avançados**, v. 20, p. 157-170, 200

TIERRA, Pedro. **Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo**. Autonomia Literária, 2020.

WEIL, S. **O enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001